

O Libertador de Bonsai

Caminho de Santiago de Compostela



VALDIR LEITE QUEIROZ

Caminhar, este é o verbo que alimenta a vida. Caminhar, este é o segredo, sempre caminhar. Por vezes caminhar cantarolando sobre a trilha de um sonho vibrante e vivo como a batida de um coração...

Por vezes, caminhar sob uma névoa que nos cega, sufocando um sonho que parece distante e impossível, mas caminhe, aja como o urso polar, hiberne o sonho dentro do peito e quando a primavera voltar, desperte-o e dê mais um passo...

Caminhe, pois assim como não é o peregrino que faz o caminho, e sim, o caminho que faz o peregrino, é também o caminho que alimenta o sonho e não o sonho que alimenta o caminho... Este é o segredo.

Caminhar sempre!

Valdir L. Queiroz

O Libertador de Bonsai

Caminho de Santiago de Compostela

Valdir Leite Queiroz

Queiroz, Valdir L.

O Libertador de Bonsai : Caminho de Santiago de Compostela / Valdir L. Queiroz. –
São Paulo : Clube de Autores, 2011.

189p.

ISBN 978-85-907094-1-1

1.Literatura brasileira. 2. Autobiografia. 3.Santiago de Compostela –
peregrinação. 4. Descrição de viagem. 1. Título

CDU: 821.134.3(81)-94

Todos os direitos reservados. Proibida reprodução, armazenamento
ou transmissão, sem prévia autorização.

Impresso no Brasil

ISBN 978-85-907094-1-1

Pedidos somente pela Internet:

Clube de Autores

[http://clubedeautores.com.br/book/101023--O Libertador de Bonsai](http://clubedeautores.com.br/book/101023--O_Libertador_de_Bonsai)

Contato com Autor: valdir@avbbrasil.org.br

DEDICATÓRIA I

Dedico este livro ao meu neto Théo, alias, este livro pertence a ele, pois antes dele anunciar que estava a caminho, eu não pretendia reunir as narrativas desta Caminhada em um livro, mesmo porque como diz o Poeta e escritor argentino, Alejandro G. Roemmers, as pessoas não se interessam mais por histórias e sim por fotos, e devido a isso, em forma de protesto, há anos, ele descartou sua máquina fotográfica. Deste modo ele tinha a oportunidade de narrar suas histórias.

Concordo com ele, a boa prosa anda cada vez mais escassa e está sendo substituída por monólogos monossilábicos nas redes sociais.

Portanto querido neto Théo, quando no Caminho, recebi a notícia do seu nascimento - sim, nascimento! Pois as pessoas não nascem no momento do parto e sim no momento em que passam a existir no nosso coração - Eu senti a obrigação de narrar os momentos desta Caminhada, pois o que poderia lhe dizer algumas fotos, daqui dez, quinze anos? Nada. Porém a leitura poderá lhe conduzir por caminhos imaginários que servirá para alimentar seus sonhos, estes sim, imprescindíveis à vida.

Então, seja bem vindo Théo, mas não espere que eu tenha muito a lhe ensinar, pois o que eu mais quero é desembarcar, de mala e cuia, neste teu mundo lúdico de criança e reaprender a ter fome. Fome de circo, de chuva, de terra, de pipa, de bolo, de pipoca, de manga verde, de rio, de passarinho, de ...

DEDICATÓRIA II

- Aos meus filhos de sangue: Hugo e Tanyla; Aos meus filhos de coração: Túlio e Juliana e os meus afilhados de Batismo e coração: Ludmilla, Thais, Thamires, Ingrid, Lucas, Marlon e Wanderson.

- A Minha companheira Adriana, pois não importa os caminhos que eu trilhar, todos continuam me levando até você.

- Aos amigos Beto, Silvio, Wilson Mora, Edi, Roberto, Deusim, Paca, Célio, Vilmar e Denides (In Memoriam).

- A amiga Peregrina Virtual, Zélia Leite, que assim como os mais de 200 Peregrinos internautas, seguiu meus passos, dia a dia, através do Blog: <http://libertadordebonsai.blogspot.com/>, até adentramos Santiago de Compostela.

A você, leitor, que ainda preserva na alma a curiosidade de uma criança e o encanto pelo desconhecido. A você, que ousa despir-se de preconceitos, idéias preconcebidas, rugas do tempo e compra o ingresso para uma viagem que requer alma de menino, curiosidade de menino e encanto de menino. A estrada desta viagem foi desbravada pelo autor, mas todo o terreno que ela adentra pertencerá à imaginação do leitor. Para cada nome, paisagem, situação e local citado a imaginação do leitor moldará, a seu modo, o ambiente o figurino e a fotografia. Ao autor compete apenas pilotar essa nave chamada imaginação por caminhos suaves, mas que sejam surpreendentes. Como sou aprendiz nessa arte de pilotar, pode ser que você sinta vontade de saltar dessa nave na primeira estação, mas pode ser que não. De qualquer modo, ficam aqui minhas desculpas para sempre que a minha arrogância superar a humildade; a ira superar a paciência; a desesperança superar a esperança e o preconceito superar a ternura.

Boa viagem!
O Autor.

Sumário

A partida	07
O difícil começo	12
Cadê as setas de Santiago?.....	17
As bolhas.....	23
As malditas “borrachinhas”	28
Onde está o acompanhante?	33
A muleta	37
Elisabete.....	41
Dieta das flores.....	47
As botas.....	51
Período sabático.....	56
A despedida.....	59
O recomeço	63
O cheiro do Caminho.....	67
Campo de tiro	73
Reunião com Thiaguim e Fatinha	78
Flores para Sr. Francisco	86
O Poeta	94
O Libertador de bonsai	100
O primeiro albergue	108
Sr. Manoel.	111

Gratidão.....	116
Cidadania	119
Serra da Labruja.....	125
O casamento	130
Dicas do Caminho	135
O encontro.....	140
Os escoteiros.....	145
As desertoras.	149
É chegado o dia!.....	156

A partida

Cheguei a Lisboa para início do caminho um pouco preocupado. Há uns 15 dias senti uma dor no joelho direito (ele já foi operado do menisco). Agendei uma consulta com um médico, mas ele só pode me atender no dia 30 de junho, e minha passagem já estava comprada para o dia 4 de julho/11.

Na consulta o médico tirou umas radiografias e me falou que eu precisava fazer uns 15 dias de fisioterapia, pois havia um pequeno inchaço no local. Falei pra ele que não seria possível, pois eu partia daí há quatro dias para Lisboa, pois iria fazer o Caminho de Santiago e andar 700 Km a pé.

Perguntou-me quantas pessoas iria comigo, eu disse que iria sozinho, e ele, meio atônito, disse: Isso é loucura!! E eu respondi: Não, isso é lucidez, e expliquei, sorrindo: Pelo que sei nunca ouvi falar que a loucura acomete o corpo e sim a cabeça, e esta estará em repouso absoluto, ao contrário do corpo, que será muito exigido.

Ele concordou sorrindo, porém me advertindo que eu precisaria tomar o remédio (antiflamatório) durante a caminhada por cinco dias, e depois mais alguns dias, se a dor não passasse e, além disso, falou que eu precisava fazer a fisioterapia por 15 dias no caminho e seria bom eu providenciar uma joelheira ortopédica para utilizar, caso a dor persistisse.

Explicou-me direitinho como fazer a fisioterapia: Depois da caminhada, deitar de barriga pra cima, espichar a perna direita para cima, pegar nas duas pontas de uma toalha de rosto e firmá-la na sola do pé, flexionando e tensionando, com força, o joelho. Repetir três serie de 15 vezes.

Conforme programado sai do Brasil num vôo do Rio para Lisboa previsto para as 23:00h do dia 04/07/11, porém, houve atraso, e saímos à uma hora da manha chegando a Lisboa depois de 9 horas, sem escalas. Somados a isso o fuso horário de mais 4 horas e mais o trajeto de ônibus do aeroporto até o centro e depois a

procura por albergue/pensão, quando finalmente me alojei já eram 19:00 horas. Depois sai para procurar a igreja Catedral que é de onde darei o primeiro, dos um milhão e quatrocentos mil passos até Santiago de Compostela.

Como a pensão onde fiquei é um pouco longe e eu me encontrava em estado deplorável, pois não dormi um minuto durante o voo, resolvi, então, pegar um taxi até a Catedral.

O taxista era um senhor já de idade avançada e muito falante. Perguntou-me se eu iria rezar um pouco na catedral e eu lhe disse que não. Eu estava indo conhecer a Catedral e também iria carimbar minha Compostelana (única identidade utilizada durante o caminho nos albergues e que deve ser carimbada em cada local que você pernoitar), pois era de lá que eu partiria no dia seguinte para Santiago de Compostela na Espanha.

- Vais de carro! - perguntou ele.
- Não, vou a pé - respondi.
- Estais sem juízo! - disse ele espantado.
- Não! - respondi sorrindo.

A expressão dele " Estais sem juízo" me fez lembrar-se de um poema do Carlos Drummond de Andrade feito para Dom Quixote e Sancho Pança:

*Que é loucura; ser cavaleiro andante
Ou segui-lo como escudeiro?*

*De nós dois, quem o louco verdadeiro?
O que, acordado, sonha doidamente?
O que, mesmo vendado,
Vê o real e segue o sonho*

*De um doido pelas bruxas embruxado?
Eis-me, talvez, o único maluco,
E me sabendo tal, sem grão de siso,
Sou – que doideira – um louco de juízo.*

Chegando à Catedral procurei o secretário da paróquia para carimbar a Compostelana e sua atitude me deixou um pouco preocupado: Ele parecia não saber o que era Compostelana e muito menos como e porque carimbar. Depois de explicar-lhe onde e porque carimbar aproveitei para fazer umas especulações: Perguntei se por estes dias ele já havia carimbado alguma Compostela e ele me respondeu que fazia meses que não carimbava nenhuma. Aí eu entendi porque no site da AACSBrazil (Associação dos Amigos do Caminho de Santiago do Brasil) onde consta a relação de mais de 200 peregrinos que partiram este ano e que vão partir até setembro para o Caminho de Santiago, não existe um único peregrino partindo de Lisboa. Porto fica a 450 km daqui e de lá até Santiago são 250 - Como se viu, todos os peregrinos partem de Porto, menos eu. Isso me balançou um pouco.

Perguntei, ainda, ao secretário da igreja, se ele tinha conhecimento das marcações (setas amarelas) daqui de

Lisboa até a cidade do Porto, e ele respondeu que não tinha conhecimento. Porém, se eu fosse até a igreja dos Beneditinos, talvez eles pudessem me informar.

Resolvi procurar a igreja dos beneditinos, e depois de muita busca pude perceber que Lisboa tem tantas igrejas quanto farmácias em Goiânia. Não é exagero, pude contar 12 igrejas durante esta minha busca pela igreja dos Beneditinos.

Acabei desistindo, dado o meu desgaste da viagem, e resolvi voltar para minha pensão/albergue, porém um pouco preocupado, pois um caminho sem sinalização para quem nunca antes esteve nele é quase certeza de encrenca.

O difícil começo

1ª etapa

Lisboa / Póvoa de Santa Íria / Alverca de Ribatejo

Quarta, 6 de julho de 2011

Distância a percorrer: 24,5 Km / 37 Km

Este primeiro trajeto seria de 24,5 Km. até Póvoa de Santa Íria, porém, como eu já havia imaginado e comentado ontem, tive problemas. Como eu já conheço o meu limite e sei que a pele da sola do pé leva de 5 a 10 dias para "engrossar" e suportar trajetos mais longos, eu havia programado meus trajetos de modo que caminhasse de 20 a 25 Km. por dia, que é o meu limite para não criar bolhas nos pés.

Ocorre que a pensão que eu dormi era no centro da cidade e de lá até o ponto onde se inicia a marcação da quilometragem são 7 Km. (fato que somente descobri,

depois que sai pelos becos e vielas de Lisboa procurando a saída da cidade), ou seja, eu tive que caminhar $24,5 + 7 = 31,5$ Km, o que aumenta drasticamente a possibilidade de formação de bolhas nos pés.

Depois de zanzar bastante pelos becos de Lisboa meu Amigo lá de cima me enviou o "Manoel", ou melhor, o Anjo Manoel. Explico: Estava eu, ainda dentro de Lisboa, a procurar a saída para Póvoa de Santa Iria quando ouvir alguém "gritar" às minhas costas:

- Santiago de Compostela?!

-Sim - Respondi e pude ver atrás de mim um cidadão de bicicleta. Era o Anjo Manoel! Ele havia chegado do caminho há 10 dias e (havia feito o caminho francês de bicicleta) com certeza, ainda estava com o cheiro da ternura na alma.

Qualquer caminhante que já fez o Caminho de Santiago reconhece de imediato quem esta caminhando para Compostela. É tradição, e todos usam, uma metade de concha afixada em algum ponto visível da sua mochila e ele me identificou por este símbolo.

Reza a tradição que depois dos anos 840 DC, quando se iniciou a peregrinação para Santiago, já havia um trânsito grande de mercadores atraindo alguns "malfeitores" e como já se iniciava, também, a peregrinação, os peregrinos, para se protegerem e não

serem assaltados, usavam esta concha como amuleto e assim os "Malfeitores", que a temiam, deixavam os peregrinos caminharem em paz.

Manoel me guiou até as primeiras "Setas amarelas" já fora das cercanias de Lisboa.

Ao chegar a Póvoa de Santa Iria, após andar 31,5 Km., tive mais uma surpresa: Depois de muito especular fui informado por todos que não existia nenhum albergue, pensão e nem hotel nesta cidade e que tudo isso somente tinha na próxima cidade, Alverca de Ribatejo, que ficava a cinco Km. Já bastante cansado e sentindo uma enorme bolha no pé esquerdo, não tive opção, parti para Alverca.

Ao chegar, as 15:30h, perguntei para varias pessoas onde tinha uma pensão /hotel/albergue ou algo parecido. Todos disseram que não tinha nada disso. Procurei, então onde ficava um ponto de taxi. Minha idéia era perguntar a um taxista, com certeza ele saberia onde tinha uma pensão ou algo parecido. Ledo engano.

Ao encontrar o ponto de taxi o taxista me informou que na cidade haviam 3 pensões todas na mesma rua, mas que durante a semana não havia nenhuma vaga, pois o pessoal que trabalhava nas fábricas, ocupavam estas pensões durante a semana. Mesmo assim insisti com ele para que me levasse ate lá. Até parecia que eu não ia pagar

a corrida dele face o seu total desinteresse. Durante o trajeto fiquei sabendo que ele era brasileiro de Itumbiara.

Disse-me que estava aqui há 10 anos louco para voltar com a família, pois não estava faturando nem para comer. Disse que mesmo na época das crises no Brasil não tinha nunca passado tanto aperto. Pensei comigo: Dado a falta de interesse dele em me atender e ganhar um dinheirinho, ele, com certeza, vai passar dificuldade em qualquer lugar do mundo.

Chegando à rua das pensões pedi para ele me deixar por ali que eu me virava. Na primeira pensão que eu tentei entrar alguém já gritou lá de dentro, "Não tem vagas!" Parti para a segunda. Nesta me deixaram entrar, porém a resposta foi a mesma, "Não tem vagas!"

Parti para a terceira já preparando uma expressão angelicalmente suplicante que combinava perfeitamente com meu aspecto naquele momento. Uma senhora me atendeu e perguntou quantos dias eu ia ficar, eu disse, um dia. Ela disse que tinha uma vaga mas eles não alugavam um dia, mas somente uma semana. Eu disse: Não tem problema eu alugo uma semana! Dado o meu estado eu alugaria até por um ano. Ela chamou, então, o dono e eu expliquei para ele minha situação. Ele, então, me propôs o seguinte: vou te alugar um dia, porém, se chegar algum pretendente, hoje para ficar uma semana, eu te cobro uma

semana, se não, eu te cobro apenas um dia. Ufa! Pensei comigo: Meu olhar de suplica até que valeu!

Ao entrar no quarto, sentar na cama e retirar as botas, eu finalmente entendi uma piada sem graça que o Silvio Santos contava há "Duzentos anos", ele dizia que a única felicidade que o pobre tinha na vida era quando ele chegava em casa, ao final do dia, e retirava o sapato apertado do pé. Que alívio! Que felicidade eu senti ao retirar aquelas botas do pés !!

Depois de inspecionar a sola do pé, lá estava ela, uma enorme bolha no pé esquerdo próximo ao dedão. Eu tinha ultrapassando e muito o limite de segurança que era de andar 24,5 Km., e tinha sido obrigado a caminhar 36,5 Km., e o joelho que era, e é, a grande preocupação minha, tinha se comportado muito bem sem nenhuma dor ou inchaço. Era hora de descansar, pois a grande interrogação seria a caminhada de amanhã... E também o preço da pensão...

Cadê as setas de Santiago?

2ª etapa

Alverca de Ribatejo / Vala do Carregado / Azambuja

Quinta, 7 de julho de 2011

Distância a percorrer: 19 Km / 37 Km

Sai bem cedo (06:30h) da pensão. Resolvi ir a pé mesmo até a saída da cidade onde eu tinha visto a indicação com as setas amarelas e também com as setas azuis. Explico: As setas amarelas é a bússola do caminho de Santiago. No caminho tradicional que parte de San Jean Pier de Port (França) Estas setas são abundantes em todas as trilhas e é quase impossível você se perder, porém nos caminhos menos tradicionais, como este, o Caminho Português Central, que parte de Lisboa até Santiago na Espanha, o caminho é muito carente de setas. Apenas da

cidade do Porto, que fica daqui a 400 Km, pra frente, é que o caminho é bem sinalizado. Até lá eu vou ter que ir tateando.

Já as setas azuis é a marcação do caminho de Fátima que fica daqui a 100 Km., e como até Fátima os caminhos são coincidentes, usarei as setas azuis de Fátima, por enquanto.

Utilizo, ainda, como um guia auxiliar, um mapa de cada etapa editado em espanhol, porém nem as setas (que desapareceram), nem este guia conseguiu me impedir de caminhar quase 7 Km., sem rumo.

Logo na saída da cidade (2 km., de distância do local que dormi), seguindo as setas, elas me indicaram uma trilha a qual eu segui e dai a uns 600 metros havia uma bifurcação para esquerda e uma para a direita sem nenhuma seta a indicar que rumo tomar, (geralmente, nestes casos, sempre há, claramente, uma seta indicando que rumo seguir, mas tanto Thiago como Fátima deviam estar a cuidar de outro peregrino mais necessitado. Usei a intuição, que também devia estar a acompanhar Fátima e Thiago, pois peguei o caminho da esquerda, que era o caminho errado e que terminou 3,5 km., depois em uma porteira trancada e sem nenhuma seta em lugar algum.

Voltei ao cruzamento e peguei o caminho da direita

e doravante faz parte do meu lema: Na dúvida, jamais pegue o caminho da esquerda!

Como o trajeto deste dia era de 22,5 Km., mas eu tinha andado estes 7 km perdidos mais os 2 km da pensão até a saída da cidade, já eram 31,5 km que eu teria que andar nesta dia. Isso me preocupava muito, alias minha bolha já indica que minha preocupação tinha sentido.

Parei pela segunda vez para descansar e já com o pé que tinha a bolha com uma dor muito grande. Retirei as botas e ao retirar a meia do pé esquerdo senti a meia pregada na pele da enorme bolha que havia sido macerada. Molhei parte do cano da meia, que estava menos suada e mais limpa, e lavei o local já começando a pensar como diminuir aquela dor.

Aí me lembrei de um par de palmilha que eu havia comprado no dia anterior em Alverca, para colocar na chinela "CROCS" que comprei para usar depois das caminhadas, porém, ela possui umas ranhuras que creio ser para massagear os pés, enquanto se caminha. No meu caso estas ranhuras era um sofrimento, pois massageava a bolha, e bolha não gosta de massagem. Foi aí, que entrou a compra das palmilhas que ficou perfeita naquela ocasião para usar na chinela que não mais massageava a minha bolha.

Pois bem, tive a brilhante idéia de colocar as palmilhas dentro das botas, pois como elas eram bastantes macias, com certeza diminuiriam o impacto do pé no chão e consequentemente agrediria menos a bolha. Foi o que fiz.

Após os primeiros 100 passos percebi que eu havia resolvido em parte o problema da bolha, mas tinha criado outro grande problema: Com a palmilha dentro da bota, as unhas dos meus dedos ficaram pressionados sobre a parte de cima da bota e indicavam que iriam doer e se ferir e ainda faltavam 10 Km. para o meu destino programado no dia.

Aí estava o lema: Retirar as palmilhas e sacrificar ainda mais o local da ferida da bolha que poderia sangrar e infeccionar ou deixar a palmilha e sacrificar as unhas dos dedos? Resolvi postergar.

E enquanto caminhava, sobre o efeito desta postergação, fiquei a imaginar, quantas vezes na nossa vida nos vivemos sobre este efeito. O efeito do deixar para depois, do empurrar com a barriga, do deixa como estar para ver como é que fica. E o tempo passa, a vida passa, e nos acabamos partindo e a nossa postergação ficando. A história da humanidade esta toda pautada na ousadia, no arriscar, no tentar, no não deixar para depois.

Quando há 7 milhões de anos, o homem resolveu descer das arvores para se aventurar pelas savanas, ele cortou o elo que existia com o macaco e por isso estamos aqui. Se ele tivesse postergado, nos estaríamos, até hoje, em arvores como os macacos.

Deixando a filosofia de lado, voltemos a minha bolha: Eu estava ali diante de um problema que exigia uma solução, e qualquer que fosse a solução o sacrifício existiria. Guardada as devidas e imensas proporções, lembrei do filme a Escolha de Sofia.

Porem, como a necessidade é a mãe da criação, pensei numa solução: E se eu cortasse a parte da frente da palmilha? Com isso os dedos ficariam na sua altura correta e talvez não pressionassem as unhas? Já dentro da cidade de Vila Franca de Xira, na avenida que corta a cidade, sai de porta em porta, a procura de uma tesoura para cortar a palmilha.

Não encontrei tesoura para comprar, mas encontrei uma bondosa senhora, que após ouvir minha súplica, teve a coragem de pegar aquelas palmilhas, já molhadas de suor e com um cheiro não muito suave, e cortá-las. Coloquei nos pés a nova palmilha, e senti que iria funcionar: A pressão nos dedos já não existia.

Aproveitando da bondade desta nobre senhora,

perguntei sobre a próxima cidade que era Vala do Carregado, à 5 Km., onde eu pretendia pernoitar. Ela me disse que era uma cidade muito pequena e que não havia nada lá e nem na próxima cidade, Vila Nova da Rainha, que ficava a mais 5 Km., e que somente em Azambuja, a mais 5 km., é que havia de tudo. Resumindo: Eu teria que caminhar mais 15 Km., que somados aos 19 que eu já havia andado daria um total de 34 Km.,

Cheguei a Azambuja, como Pedro que negou Cristo por 3 vezes: Eu também neguei o Caminho de Santiago por por muito mais de 3 vezes...

As bolhas

3ª etapa

Azambuja / Valada

Sexta, 8 de julho de 2011

Distância a percorrer: 22,5 Km / 34 Km

Como eu disse na etapa anterior, cheguei a Azambuja, negando o caminho por 3 vezes, assim como Pedro negou Cristo por 3 vezes, ou seja, travou-se na minha cabeça, uma luta sangrenta entre a dor, a fé e a razão. E quando a dor é tamanha que abala a fé, quase sempre ela, a dor, consegue corromper a razão. É nestas horas que você deve lembrar-se que o seu "Amigo lá de cima" jamais colocaria sobre teus ombros, uma carga maior do que podes suportar.

Pois bem, em Azambuja, consegui um quarto em uma pensão, aliás, não é pensão, chama-se "residencial" ninguém sabe o que é pensão e sim residencial.

Ao sentar na cama e tentar retirar a bota do pé esquerdo, senti que a briga entre a dor, a fé e a razão ia ser muito longa, e minha razão já questionava:

- Será que seu "Amigo lá de cima" não errou o tamanho da sua carga?

- Claro que não! É nestas horas que Ele estar a te carregares no colo! - respondia a fé

- Sei não! - resmungava a razão.

Enquanto isso a dor tomava conta do meu pé.

Ao retirar a bota do pé direito havia uma enorme marca de uma bolha que se iniciava na região dos 3 dedos entre o dedão e o mindinho e formava um triângulo até o centro da palma do pé. Tive a certeza que eu precisava parar por um dia para tentar recuperar-se.

Depois do banho, sai mancando a procura de uma farmácia e comprei tudo que existia para bolhas. Lembrei do meu amigo paulistano, Galdino, e até saudade de seu Merquides, benzedor de todas as dores de minha infância e que me ensinou a contar estrelas com os olhos (pág.136 e 70 do Livro os Donos do Céu).

Depois dos devidos tratamentos dispensados às

senhoras bolhas, peguei o meu roteiro de caminhada e fui adequá-lo a realidade, já que, mais uma vez, eu não havia enviado uma cópia do mesmo para o senhor Destino. Pelo meu roteiro original eu iria parar um dia em Fátima, portanto, eu não pararia em Fátima e ficaria tudo ok. Meu roteiro original passaria a ser seguido, isto é, se o senhor Destino não resolvesse intrometer-se novamente no mesmo.

Depois de descansar por um dia, saí bem cedo rumo a Valada, meu próximo destino. Apesar de ser um percurso pequeno, a parada de uma dia parecia não ter sido suficiente para acalmar minhas amigas Bolhas, pois nos primeiros 5 km., elas já reclamavam, e muito. Passei a ignorá-las, montado na convicção da minha amiga Fé de que o nosso Amigo lá de cima não nos dá uma carga maior do que possamos carregar.

Ao chegar a Valada, (meu destino final deste dia) cerca de 15 km. depois, minhas amigas Bolhas já estavam loucas e ameaçavam invadir toda a vizinhança. Porém a situação não era boa, pois, em Valada não havia pensão, nem residencial, nem bombeiros e nem nada! Porém havia uma igreja e um salão paroquial imenso! Saí a procura deste salão paroquial e o encontrei fechado. Bati na porta, esperei; bati na porta, esperei; bati na porta, esperei! Ao longe vi uma velhinha com sua bengala se aproximando. Fui até ela e pedi ajuda.

- Queres tu dormir no salão paroquial? - perguntou ela.
- Sim, queria tomar um banho e tratar das minhas amigas Bolhas que estão em rebelião. - Disse eu, em tom de súplica.
- Eu vou com você até lá, porém, acho que o mesmo está fechado.

Depois de chamar e bater muito na porta ninguém apareceu, então ela me disse que talvez, a pessoa estivesse ido para a casa de parentes em outra cidade. Terminava aí minha ultima esperança de dormir em Valada.

No estado de rebelião em que se encontravam minhas Bolhas eu jamais conseguiria andar mais 20 km. O que fazer?

Consultei meus mapas e eles eram claros: a próxima cidade com "residencial" era Santarém e ficava a 20 km. Decidi então, que iria dar um jeito de chegar ate Santarém de carro, trataria das minhas amigas Bolhas, dormiria e no dia seguinte voltaria de taxi para Valada e faria esta caminhada de 20 km. de volta a Santarém, porém a pé.

Encontrei um barzinho onde pedi informações sobre como chegar até Santarém e me informaram que o único modo era através de taxi, que também, não tinha ali, mas que poderia ser chamado de outra cidade. Foi o que fiz. Chamei o taxi de outra cidade que me levou até Santarém (Paguei 30 Euros). Já combinei com o taxista, senhor Luiz

Filipe Baçal, para amanhã, as 06:30h. ele me pegar no hotel e levar-me de volta para Valada para que eu possa recomeçar minha caminhada.

Ao inspecionar a situação da minhas amigas Bolhas, pude perceber o porquê de elas terem reclamado tanto: Estavam maceradas (esmagadas) com a pele amontoada e percebi, também, que elas começaram a cumprir a ameaça que haviam feito de invadir a vizinhança, pois o terreno ao lado das mesmas davam sinais de invasão. Corri a farmácia e novamente comprei um arsenal de remédios, porém desta vez, eu julgava ter encontrado a arma definitiva contra as bolhas. Era um material sintético de borracha, tipo a pele humana, que você pregava sobre toda a extensão da bolha, e ela substituía a pele. Chama-se "Compeed".

Dado o estado lastimável dos meus pés, pretendo testá-lo amanhã no trajeto Valada / Santarém.

PS.: Na etapa 1, em Alverca do Ribatejo, paguei somente uma diária.

As malditas “borrachinhas”

4ª etapa
Azambuja / Valada
Domingo, 10 de julho de 2011
Distância a percorrer: 25 Km

Conforme disse na etapa anterior, face ao estado lastimável da sola dos meus pés, nesta etapa eu iria testar uma maravilha da medicina: A borracha sintética que promete, segundo o Dr. Farmacêutico, substituir a pele humana que sofre ataque de bolhas, e era esse exatamente o meu caso. E face a teimosia destas bolhas em permanecerem em meus pés, eu toparia testar qualquer coisa, ainda mais uma maravilha desta, como disse o Dr. Farmacêutico. Esta maravilha mede 9,5 x 4,2 cm. e se chama "Compeed", cada caixinha vem com duas maravilhas, digo, borrachinhas.

Conforme combinado com o taxista, que iria me levar de volta para Valada, para que eu voltasse a pé, como já narrado na etapa anterior, as 06:30h, eu já estava na porta do hotel, com as duas maravilhas, digo, borrachinhas devidamente afixadas sobre a planta dos meus pés, pegando desde a região próxima aos dedos e se estendendo 4,2 cm em direção ao centro do pé, moldadas perfeitamente. A sensação que eu tinha era que a coisa ia funcionar muito bem. Ledo engano.

As 07:00h, eu já estava em Valada, na porta no barzinho onde eu tinha parado no dia anterior pronto para recomeçar a caminhada até Santarém. Tudo estava correndo perfeitamente...

Depois de 5 km de caminhada as borrachinhas maravilhosas pareciam estar fazendo efeito, pois as minhas inquilinas, as Bolhas, ainda não haviam apresentado nenhuma reivindicação, porém, eu sentia, em ambos os pés um queimar latejante na região central dos pés, logo abaixo de onde terminava as borrachinhas maravilhosas.

Depois de mais 5 km, conforme minha programação de parar de duas em duas horas, parei para descansar já com uma dor intensa no local onde antes havia um queimar latejante.

Retirei as botas. Quando retirei as meias pude ver que as borrachinhas tinham se moldado à pele e estavam até com as marcas das trilhas das meias, como se pele fosse, porém, o foco da dor, em ambos os pés, era justamente por que as borrachinhas tinham se fixado tão bem na pele, que impediam que a pele do pé, abaixo das mesmas, se enrugassem e se moldassem, naturalmente, ao movimento dos passos. Era isso que estava dilacerando aquela região de ambos os pés. Tentei retirar as borrachinhas, mas percebi que era impossível, pareciam que elas eram minha própria pele! Desisti de tentar retirá-las e pensei: isso só deve sair com água quente, vou ter que esperar chegar em Santarém, que estava a 10 km de distância, cerca de 2 ou mais horas de caminhada.

Calcei as botas, com dificuldades, e voltei ao caminho, **os primeiros 100 passos foram arrepiantes!** A Parada de 10 minutos tinha esfriado meu corpo e até voltá-lo ao ritmo de antes, eu tinha que **desligar meu medidor de dor, sob pena de não mais caminhar.** Foi o que fiz.

Depois de 5 km caminhando, faltando apenas mais 5 km, senti que não era mais possível continuar caminhando...

Parei durante uns 30 minutos, tomei as últimas gotas de água do meu cantil. Não tirei as botas para os pés não

esfriarem e tentei pegar uma carona. Neste intervalo de tempo passou uns 5 carros, pedi carona a todos, mas nenhum parou... Consultei novamente o meu mapa ele indicava que daí a 3 km estava o vilarejo de Omnias.

Voltei lentamente ao caminho, e a passos miúdos segui em frente.

Dai a uma hora, a passos miúdos, adentrei o vilarejo de Omnias, porém, Ominias era realmente isso, um vilarejo. Havia apenas 4 a 5 casas do lado direito, um galpão do lado esquerdo e tudo absurdamente deserto. Não encontrei uma pessoa, até estranhei, mas lembrei-me que hoje, é domingo, e quem sabe não estivessem todos orando, se bem que meu Amigo lá de cima, não precisa de tanta oração, o que Ele quer mesmo das pessoas, é ação.

Voltando a minha miúda epopeia: A minha esperança de encontrar amparo em Omnias, tinha sucumbido, porém, Santarém estava a apenas 2 km. O que seria 2 km em minhas condições normais? Praticamente nada. Mas nas condições em que eu me arrastava, era uma eternidade. Continuei a passos miúdos, até que após cerca de 1 km, avistei uma casa com um senhor sentado no seu batente. Neste instante, minha esperança esboçou um sorriso de orelha a orelha! Cheguei e pedi ajuda ao bondoso senhor. Primeiro pedi água... Depois pedi, se possível, que ele chamasse um taxi. Ele perguntou se eu tinha um telemóvel (celular), eu disse que

não, ele então, acordou o filho (lembrem-se, hoje é domingo) que chamou um taxi que me conduziu até um hotel.

Chegando no hotel, semi vivo, semi morto, retirei as botas e as meias e fui tomar banho para cuidar dos pés e, principalmente, retirar as borrachinhas. Abri a água para a banheira (este hotel tinha banheira) e **ali foi o cenário da mais trágica luta entre as borrachinhas, ex-maravilhosas, e as senhoras Bolhas dos meus dois pés.** Mesmo com os pés imersos dentro da banheira de água quente e com a costa de um pente servindo de espátula para remover as benditas borrachinhas, as mesmas não queriam, literalmente, largar do meu pé!

Foram 20 minutos de luta ferrenha, e entre caretas de dor e nocautes que quase me jogavam para fora da banheira, estas malditas borrachinhas largaram do meu pé!!

Sim, elas largaram do meu pé, mas o estrago que elas deixaram vocês ainda terão muitas notícias!

Onde está o acompanhante?

5ª etapa
Valada / Santarém
Segunda, 11 de julho de 2011
Distância a percorrer: 21,5 Km

Como disse na etapa anterior: Ainda daria notícias daquelas malditas borrachinhas!...

Depois de conseguir fazê-las largar do meu pé, sai da banheira quase sem conseguir andar, tamanho o estrago que elas causaram. A luta para retirar aquelas borrachinhas **tinha forçado tanto a pele do pé, já fragilizada pelas minhas inquilinas Bolhas, que em vários pontos dos pés apareceram pequenas bolhas de sangue.** Resolvi procurar um posto médico, pois aquilo poderia se complicar ainda mais.

Minha sorte era que ao lado do hotel que eu estava, fica o maior hospital da região com atendimento de urgência e emergência. Fui até ao atendimento de urgência caminhando na sola dos pés, pois a parte da frente de ambos os pés estavam muito feridos.

Chegando lá me perguntaram se eu tinha o Cartão Social. Expliquei que não, pois eu era brasileiro e estava apenas de passagem. Apresentei, então, meu passaporte. Fizeram uma ficha, me cobraram 8,30 euros, me passaram por uma enfermeira que colocou uma abraçadeira verde no meu braço e me mandaram aguardar numa sala de espera ao fundo, onde lá já estavam duas velhinhas, ambas com abraçadeiras amarelas. Pensei comigo, não estou tão mal assim, pelo menos estou melhor do que estas duas velhinhas que estão em estado de atenção. Depois de umas duas horas de espera e os meus pés minando água com sangue, eu entendi toda a dinâmica das pulseirinhas.

Numa primeira triagem todas as cores ficam juntas, depois cada cor vai para um determinado ponto de atendimento, esperam mais uma hora e finalmente te levam por um enorme corredor até uma sala de pequenas cirurgias e te deitam em cima de uma maca, onde já existem vários pacientes preparados para o atendimento. O médico passa e faz o atendimento por arrastão, ou seja, cerca de dez segundos por paciente.

No meu caso, ele passou falando para a enfermeira:

- Lava, desinfeta e faz os curativos!

- E quando eu posso voltar a caminhar... - (Nem terminei a frase).

- Sete dias de repouso absoluto! - disse ele , já desaparecendo pelos corredores.

Enquanto isso a enfermeira lavou, desinfetou e colocou enormes curativos sob os ferimentos. Depois enfaixou os dois pés e enquanto isso eu já começava a imaginar como é que eu ia sair dali andando! Santo Deus!

Para minha absoluta surpresa, nem bem a enfermeira terminou os curativos, já apareceu um moço, funcionário do hospital, com uma cadeira de rodas. Estacionou com maestria ao lado da minha maca e já foi me jogando, digo, colocando na cadeira de rodas, mal deu tempo de resgatar minhas chinelas "CROCS" de debaixo da maca.

Perguntei para onde ele iria me levar, ele respondeu tão rápido que eu não entendi nada. Aquilo era tudo muito rápido, a ritmo de produção industrial, eu já nem entendia mais nada do que eles diziam tamanha a rapidez das falas. **Enquanto isso o moço que tinha me jogado, digo, colocado na cadeira de rodas me empurrava por aqueles enormes corredores, com os dois pés enfaixados, rumo a não sei onde.** A situação era tão "sui

généris" para mim, que eu não sabia se sorria ou se chorava. Perguntei novamente onde nos estávamos indo e mais uma vez não entendi nada do que ele disse.

Passamos, finalmente, por uma última porta, e chegamos numa espécie de pátio, aí então, ele parou, olhou em volta, olhou prá mim e disse algo que mais uma vez eu não entendi. E então eu disse para ele, por favor fale devagar!... Aí eu entendi o que ele disse:

- Onde está seu acompanhante? - Perguntou ele.

- Acompanhante!?! - Falei surpreso.

- Sim, teu acompanhante para cuidares de ti! - Falou ele, já um pouco nervoso. Pensei rápido: Como tudo aqui é em ritmo de produção industrial, se eu não desocupar rapidinho esta cadeira de rodas, esse moço nervoso é capaz de me jogar deste pátio lá embaixo. Então eu disse:

- Meu acompanhante já está chegando, logo logo ele vai estar aqui. Porém, eu vou desocupar a cadeira e sentar aqui do lado e o senhor pode levar sua cadeira, e muito obrigado por tudo!

E aqui estou eu, sentado no pátio do hospital, com os dois pés enfaixados esperando o meu acompanhante do Caminho de Santiago que ainda está no Brasil.

Beto, estou te esperando aqui no pátio do Hospital Regional de Santarém em Portugal. Não demora porque o moço que empurra as cadeiras de rodas é muito nervoso!!

A muleta

6ª etapa
Santarém / Santarém
Terça, 12 de julho de 2011
Distância a percorrer: 0 Km

Depois de muito esperar o Beto e ele não aparecer e receoso de que o moço que cuida da cadeira de rodas retornasse e não gostasse de me ver ali, resolvi tentar caminhar até o hotel apoiando nos calcanhares. Apesar de o hotel estar a menos de 200 metros do hospital, não foi nada fácil vencer este percurso, pois, como os pés estavam enfaixados os mesmos não cabiam dentro das chinelas e eu tive que caminhar descalço.

Chegando ao hotel vi que era impossível manter-me naquela situação e algumas decisões eu precisava tomar.

Depois de analisar a situação decidi que a primeira coisa a fazer no dia seguinte era procurar um lugar que vendesse material ortopédico para que eu comprasse uma muleta, e depois procurar uma farmácia para fazer um novo curativo e comprar material para fazer os curativos pelos seis dias seguintes.

Depois analisei minha planilha de viagem e vi que se eu estivesse caminhando normalmente, daí a 7 dias eu estaria em Coimbra. Com a obrigação médica de ter que parar 7 dias para recuperar-se, eu tinha duas opções: Primeira opção seria ficar aqui em Santarém, parado, por sete dias e a segunda opção seria tentar fazer os mesmos roteiros já programados, porém de ônibus ou trem, já que a pé seria impossível. Decidi, pela segunda opção passando pelas mesmas cidades que eu passaria se estivesse caminhando a pé. No dia seguinte eu iria pesquisar as opções de transportes para programar este roteiro.

No dia seguinte retirei as faixas dos dois pés para ver como estava, mesmo porque eu iria passar numa farmácia para fazer novo curativo. Percebi que o meu pé direito estava bastante ferido, porém o pé esquerdo, estava um pouco melhor. Desci, com muita dificuldade, para a portaria do hotel e indaguei onde eu encontraria uma loja de material ortopédico para eu comprar uma muleta. **O meu Amigo lá de cima, colocou uma em frente o hotel,**

do outro lado da rua. Atravessei a rua, apoiado nos calcanhares e comprei uma muleta. Ufa! Como melhorou o meu caminhar!

Depois peguei um taxi e pedi que me levasse até uma farmácia para fazer um curativo. Na farmácia o farmacêutico se recusou a fazer o curativo face a gravidade do ferimento. Informou, que somente em um hospital ou posto "privado" era feito este tipo de curativo e sugeriu que eu fosse até o serviço de urgência "daquele hospital", que eu já conhecia e que atende as pessoas a ritmo de produção industrial, além disso, eu ainda corria o risco de encontrar aquele moço nervoso. Lembrando aqui a Camilla, " Eu até tremei!"

Mas como meu Amigo lá de cima, resolveu fazer um afago, depois de tantas provações, me guiou até o posto "Privado" que o farmacêutico tinha falado e que o taxista sabia onde era.

Chegando lá ao preencher a ficha, com uma das três atendedoras, e resumir o meu caso, falando que aqueles ferimentos eram de bolhas, pois eu estava a caminhar para Santiago... Pronto eu tinha falado a palavra mágica!

- Santiago! - Falaram as três, quase em uníssono.

- Sim, Santiago de Compostela na Espanha! – Respondi em alto e bom som.

Encaminharam-me de imediato para o andar de

cima, junto com uma atendente, que não me deixou nem eu ter o esforço de apertar o botão do elevador. Chegando lá me sentou numa poltrona, isso mesmo, uma grande poltrona, numa ampla sala e a todo momento passava uma enfermeira toda sorridente e falava sorrindo: Santiago!! E seguia seus afazeres.

Eu estava achando tudo aquilo ótimo, e já me punha a filosofar: **Imagina só como é a vida. Ontem eu estava a ser despejado de uma cadeira de rodas por que não tinha um acompanhante, hoje estou aqui, rodeado de acompanhantes sorridentes e femininas.** Por outro lado eu, também, estava meio cismado. Eu parecia algo raro, em extinção. Por que tanta gentileza? Será que elas estão me confundindo com o Paulo Coelho?...

Elisabete

7ª etapa
Santarém / Golegã
Quarta, 13 de julho de 2011
Distância a percorrer: 29 Km

Logo o mistério terminou: Chegou até mim, a enfermeira chefe, Elisabete, mais sorridente do que todas as outras e disse:

- Nós somos um grupo de 8 médicos e enfermeiros que todos os anos fazemos o Caminho de Santiago. Pena o nosso médico chefe (traduzindo: dono da clinica/hospital), que organiza as caminhadas todos os anos, não estar aqui. Ele ia adorar te conhecer.

Enquanto isso foi me conduzindo para dentro do consultório e já começou a cuidar dos meus pés. Explicou

que eles faziam apenas 10 dias de caminhada e sempre a partir de Porto, Nova Ponte ou dentro da Espanha onde existe toda uma rede de apóio ao Peregrino.

Expliquei que vinha fazendo o Caminho desde Lisboa e das dificuldades que eu estava tendo em encontrar abrigo para pernoitar. Ela, então, tentou me convencer a reiniciar o caminho a partir de Porto.

Apenas para se ter uma idéia, eu dividi minha caminhada, saindo de Lisboa/Portugal até Santiago/Espanha em 28 etapas. Eu tinha completado, andando, apenas quatro (cerca de 100 km). Com esta parada obrigatória de sete dias, eu pretendo retornar ao caminho, caminhando, na etapa 12. Se eu fosse reiniciar a caminhada do Porto, (onde existe todo apoio dali pra frente), eu somente retornaria ao Caminho na etapa 19, ou seja, eu eliminaria sete etapas do meu percurso original. O percurso do Porto até Santiago são de apenas dez etapas e menos de 300 km, enquanto o percurso que eu tracei, saindo de Lisboa são 700 km. E é este o roteiro que trilharei.

Depois de cuidar dos meus ferimentos, como quem cuida do ferimento de um filho, a "Anjo Elisabete" me disse, ou melhor, ordenou:

- Amanhã, entre 11:00h e 11:30h, você vai passar no Hospital Regional, que fica ao lado do seu hotel, vais

chegar à portaria e perguntar onde fica a ala das mulheres. Na ala das mulheres tu falas que quer falar comigo no 9º Andar. Pois lá, eu vou te fazer outro curativo e te arrumares todo o material para que tu faças os outros curativos, todos os dias, durante mais 5 dias. Se eu lhe arrumar o material aqui da clinica tu vais teres que pagar e lá você não paga nada.

Ela tinha tentado me convencer a ficar todos estes dias recuperando aqui mesmo em Santarém, mas eu já havia decidido a seguir todas as cidades da minha rota por qualquer meio de transporte.

Depois de muito conversarmos sobre o caminho e ela apresentar-me a todos, fui conduzido de volta para a portaria. Neste trajeto, a enfermeira que me conduzia, vendo a dificuldade que eu ainda tinha, mesmo usando a muleta, mas sempre apoiando o calcanhar no chão, ela me sugeriu que eu comprasse uma espécie de bota ortopédica que protegeria e aliviaria a carga do meu calcanhar. Foi o que fiz. Voltei a loja ortopédica e comprei a bota. Que maravilha! Agora sim, eu estava preparado para atravessar esta pequena tormenta!

No dia seguinte, já com todas as especulações sobre rotas de trens/ônibus e etc., devidamente feitas, **com minha mochila nas costas e a bota ortopédica já funcionando em perfeita sintonia com minha muleta**, deixei o hotel

para: encontrar a "Anjo Elisabete", fazer o curativo, pegar o material que ela havia me prometido e as 12:40h pegar um ônibus na rodoviária para Golegã.

Ao chegar ao hospital, na ala das mulheres, e dizer que queria falar com a "Anjo Elisabete", o guarda já sorriu e me conduziu ao elevador, indicando o 9º andar. Neste momento, não tive como não lembrar do "Geraldinho", goiano, matuto legítimo, que o Publicitário Hamilton Carneiro descobriu e que contava causos como ninguém. Havia um refrão que ele utilizava em suas histórias quando ele ia comparar duas coisas ou situações que haviam mudado muito, em que ele dizia: "... Mais deferêncô dimais!!!", este era o caso do meu atendimento que há dois dias estava sendo despejado de uma cadeira de rodas, e agora era o todo protegido.

Ao sair do elevador eu já estava sendo esperado na porta pela "Anjo Elisabete". Ela me conduziu, passando pela porta de alguns quartos, só de mulheres, (É lógico, eu estava na ala das mulheres!) onde todas me olhavam como um ET, acho que devido aquela enorme mochila nas costas, minha bota ortopédica e minha muleta fazendo " toc toc" e quebrando o silêncio daquele corredor genuinamente feminino. **Porém, acho que, o que as mais espantavam era que eu não tinha nenhum aspecto de médico e muito menos de grávida, estes sim, transeuntes costumeiros daqueles corredores.**

Deitei - me numa maca, na sala da "Anjo Elisabete" e mais uma vez ela cuidou dos meus ferimentos. Na verdade ela cuidou, não somente do ferimento físico, mas também, vitaminou minha auto-estima que vinha sendo surrada, há dias, pelo senhor Destino. Este tipo de encontro, no Caminho, é que resgata o verdadeiro sentido do Caminho e da vida, pois ele faz com que, um ato, aparentemente tão pequeno para quem praticou, se torne um ato grandioso e de gratidão eterna para quem recebeu.

Quantas vezes na nossa vida nós deixamos de praticar atos pequenos e até insignificantes para nós, mas que seria grandioso para quem iria recebê-lo! Não estou falando em dar uma esmola, ir à missa, mandar umas roupas pra creche, participar de uma reunião de caridade uma vez por ano. Isto são coisas que, com certeza, é salutar e humanitário, mas estou falando em algo maior, cujo maior beneficiário, um dia, será você. Estou falando em doar algo de você e daquilo que você sabe fazer melhor.

Se você é médico, advogado, arquiteto, engenheiro ou por mais humilde que seja sua atividade, doe uma pequena parte do seu tempo. **A idéia é doar algo do seu "Ser" e não do seu "Ter"**. Há um filme interessante (As confissões do Sr. Smith) que retrata justamente o que falei aqui. O filme é a estória de um executivo que após aposentar-se percebe que havia se esquecido de viver e

agora, fora da sua zona de conforto, a empresa, ele se sente completamente perdido. Ao final, sua única alegria e momento feliz, era esperar a chegada pelos correios da cartinha de uma criança da zona de fome da África de um programa de ajuda humanitária, que ele começou a ajudar sem nem saber direito o que era. Resumindo, ele estava recebendo muito mais do que havia doado.

Depois de devidamente tratado pela "anjo Elisabete" e de receber todo o material para tratamento dos próximos dias e de, também, receber mil e uma recomendações, parti rumo a rodoviária e lá, em um ônibus, parti para Golegã, próxima cidade do meu roteiro original.

Dieta das Flores

8ª etapa
Golegã / Fátima
Quinta, 14 de julho de 2011
Distância a percorrer: 28 Km

Depois de perambular por ônibus e trens, peguei um trem e parti para Fátima. Confesso que esta peregrinação, com os pés ainda feridos, tem me questionado muito se isso não vai retardar minha recuperação, já que acabo caminhando muito com a mochila nas costas e sempre com o andar torto, que apesar de auxiliado pela muleta e a bota ortopédica, acaba forçando varias articulações dos pés e das pernas. Talvez se eu ficasse parado, em somente uma cidade, caminhando

menos, a recuperação fosse mais rápida. Vou discutir esse assunto com meu Amigo lá de cima!

Voltemos aos assuntos terrenos.

Fátima é realmente um lugar especial. Apesar da fé ser vendida em cada esquina, como ocorre em qualquer cidade "sagrada", isso não tira a grandeza desta pequena cidade. O que importa para quem tem fé, é a sua fé e pronto. É algo muito íntimo e que não cabe explicação, pois quem tem, jamais vai pedir explicação a outrem e quem não tem jamais entenderá o que é.

Porém, mais importante do que sua fé em um Deus, é a fé em você mesmo. Pois se você não acredita nem em si mesmo, de que valerá sua fé em Deus? O ser humano desconhece a enorme capacidade de adaptação do seu corpo e de sua mente. Quase todos acham impossível realizar coisas que nunca fizeram. Mas como algo pode ser impossível para você se você nunca tentou? Não existe nada mais vital para o ser humano do que os SEUS sonhos?

Porém, parece que a cada dia as pessoas estão perdendo a capacidade de sonhar e o que é pior, sentem medo de falar sobre seus sonhos. Sonham as escondidas e, tão escondidos são os seus sonhos, que os mesmos se perdem e quando, as vezes, são encontrados, já não há

mais tempo para resgatá-los. Sonhos devem ser cantados e falados a quatro ventos, mesmo porque você não é obrigado a realizá-los a ferro e fogo. Se não derem certos? E daí! Abra o seu baú de sonhos e sonhe outro e outro e outro!

Há pessoas que sonham em nome dos filhos e se esquecem de sonhar seus próprios sonhos. O poeta Gibran já escreveu: " Seus filhos não são vossos filhos, são filhos e filhas da ânsia de viver..." .

Será que as pessoas estão deixando de sonhar é porque temem não conseguirem realizar os seus sonhos? ... Ora essa! Já dizia o velho poeta, Raul Seixas: "Tente outra vez... Basta ser sincero e desejar profundo...Tente! **"Alguém, também, já disse que só existe uma coisa impossível para o homem: Aquilo que ainda não foi sonhado"**.

Enquanto houver sonho há ilusão, e o que é a ilusão senão verdade absoluta enquanto sonho for!

Todos dizem que os sonhos é o alimento da alma. Como será que anda a saúde da sua alma!? Não estará ela anêmica, subnutrida? Ou será que ela está obesa, com colesterol nas alturas?

Aproveito os momentos de intimidade que venho

tendo, com maior freqüência, com meu Amigo lá de cima, para "repassar" duas dietas básicas para quem sofre de subnutrição ou obesidade da alma. O mais incrível é que as duas dietas são exatamente iguais. **Alma é mesmo uma " entidade" peculiar, como pode a dieta para engordar ser exatamente a mesma para emagrecer!?** Como toda dieta que se preze, ela tem que ter nome, esta se chama dieta das flores. Segue:

Dieta das flores - para almas obesas ou subnutridas (Direto do Caminho de Santiago e em 1ª mão)

1º - Durante 90 dias **crie o hábito** de procurar, encontrar e admirar, pelo menos uma flor TODOS OS DIAS. Você vai se surpreender com a quantidade de flores que existe no seu trajeto diário e você nunca tinha visto. Repita o tratamento sempre que se der conta de que não há mais flores no seu caminho.

2º - Liberte um Bonsai.

Pronto, já tens a tua dieta, basta segui-la, ou melhor, fazer da primeira tarefa um hábito e da segunda tarefa, um fato. Não só tua alma, mas também teu corpo e todos que te cercam notará a diferença e muito agradecerá.

As Botas

9ª etapa
Fátima / Coimbra
Sexta, 15 de julho de 2011
Distância a percorrer: 110 Km

Como disse na minha ultima missiva, tive uma conversa com meu Amigo lá de cima e achamos melhor, eu ficar parado em uma só cidade por estes últimos três dias para facilitar a recuperação dos ferimentos nos pés. Peguei um trem de Fátima direto para Coimbra e "decidimos" fazer esta parada de três dias em Coimbra, justamente porque Coimbra seria a cidade onde eu estaria, pelo roteiro original, na data em que devo voltar a caminhar, ou seja, dia 18/07/11. Nesta data pretendo voltar a caminhar fazendo o trajeto de Coimbra a Mealhada (23 km). Será

um teste para meus pés, depois de sete dias curando as bolhas.

Como eu disse antes, **essa minha peregrinação por estações e trens, apoiado em uma bengala e uma bota ortopédica, pulando de cidade em cidade, poderia retardar minha recuperação** e acabar comprometendo todo o caminho.

Resumindo: Eu caminhei da etapa 1 até a etapa 4. Parei, para recuperação dos pés, das etapas 5 a 12. Vou tentar reiniciar a caminhada no dia 18/07/11 na etapa 13.

Durante estes três dias em Coimbra eu tenho me preparado para voltar ao caminho. Confesso que estou ansioso e com alguns questionamentos. O que terá causado tamanho ferimento nos meus pés? Seria somente o percurso muito maior que eu fui obrigado a fazer nos dois primeiros dias, com um percurso programado de 25 km em cada dia e que fui obrigado a fazer 36 km em cada dia, ou teria outro fator?

Por acaso, no primeiro dia em Coimbra, eu estava procurando um boné com aba em uma loja de esporte e acabei conhecendo um jovem, mais ou menos de minha idade! E que é praticante amador de maratonas. Conversa vai, conversa vem, fiz um breve relato de minha caminhada e ele acabou vendo a situação dos meus pés. Ele me disse

uma coisa que me deixou intrigado:

- O culpado maior do seus pés está neste estado, é as tuas botas.

- Será!?! - Exclamei eu.

- Estas botas não tem o conforto suficiente para acomodar os pés por tão longo percurso. Ela protege o seus pés de muitas coisas, mas não te dar o conforto necessário quando você tem que fazer um percurso tão longo em um mesmo dia. Ela prende todo o calor produzido... - E assim ele continuou me dando uma verdadeira aula sobre qual o melhor calçado.

Como para mim e para 99,9999% dos peregrinos que fazem o caminho de Santiago, somente existem duas verdades no mundo: 1ª Verdade: Deus no céu; 2ª Verdade: O melhor calçado do mundo para se fazer o caminho de Santiago é BOTAS. **E agora me vem esse cara, que nunca fez o caminho de Santiago na vida, somente porque disputa umas maratoninhas, me falar sobre botas para o caminho de Santiago!?** - Isso era meu ego, em cima de uns tamancos de 2 metros de pura arrogância, confabulando em minha cabeça enquanto ele falava.

Pois bem! Fui embora para hotel, e aproveitando que meu ego estava um pouco distraída, me pus a imaginar: E se aquele jovem senhor tiver razão? Por que ele iria dizer coisas para mim prejudicar? **E pensando bem, quando ele viu os meus pés naquele estado, eu**

pude perceber que os seus olhos eram de ternura e compaixão e não de arrogância.

Pulei da cama e busquei minhas botas, que estava debaixo da cama. Olhei bem para minha velha companheira e me pus a examiná-la. Realmente ela estava bem surrada. Já tínhamos feito o caminho de Santiago em 2006, atravessado os Pirineus francês e batido as portas da Igreja de Santiago depois de mais de 800 Km. Depois disso algumas andanças pequenas até Trindade e nada mais. Foram 5 anos de espera até eu convocá-las para mais esta missão: Voltar ao Caminho de Santiago.

No seu solado estava a marca de tantos passos: Varias ranhuras haviam ficado pelas estradas e se nivelavam com a lisura do solado do centro. No solado do pé direito, toda a ranhura da base, em direção ao calcanhar tinha sido comida pelas trilhas de tantos caminhos. No mais, o solado de cada pé era copia fiel um do outro. Abri a boca de ambas e retirei as palmilhas. Foi um susto. O desgaste de ambas era muito grande. A base da planta dos pés de ambas, estavam praticamente furadas; os calcanhares tinham a espessura de uma folha de papel e parecem que tinham petrificado, pois estavam sem nenhuma flexibilidade. Realmente aquelas palmilhas não eram nada confortáveis.

Depois desta vistoria eu já tinha uma certeza:

preciso trocar as palmilhas das minhas botas! Porém, de imediato eu lembrei da etapa 2 e aquela dolorida história da palmilha. Caracas, o que fazer!?

Beto, você que é Dr. Em Botas e em Santiago, me envia uma luz!

Período Sabático

10ª etapa
Coimbra / Coimbra
Sábado, 16 de julho de 2011
Distância a percorrer: 0 Km

O que eu mais ouço sobre o caminho de Santiago é as pessoas falarem: Eu adoraria fazê-lo, mas andar 800 km, eu não dou conta! E eu respondo: não existe nada de extraordinário em andar 800 km, qualquer pessoa consegue, basta querer. A coisa mais palpável que você percebe no Caminho de Santiago, é justamente a transformação do seu corpo para adaptar-se a esta nova situação. O mesmo ocorre com sua mente nos desafios do dia a dia.

O corpo e a mente humana são algo de extraordinário, porém nós os subestimamos. Nós vamos aos poucos, atrofiando nosso corpo e nossa mente, com "vacinas" diárias do tipo: Eu não consigo, eu não posso, eu não sou capaz e somamos ainda, a isso, a enorme capacidade que temos de sofrer por problemas imaginários do tipo: E se ocorrer isso, e se ocorrer aquilo e se ocorrer aquilo outro... E assim vamos carregando nossa Cruz do dia a dia, sendo levado pela vida, que ao contrário do que induz a letra da música de um pagodeiro: "Deixa a vida me levar..." **não existe nada de belo em deixar a vida te levar, pelo contrário, você é que deve ter as rédeas da sua vida, você é que deve levar a vida e não a vida te levar.**

Algumas culturas no mundo já praticam, há tempos, o chamado período sabático, que, diga-se de passagem, nada tem a ver com religião e nem com movimentos de fanáticos. O chamado período sabático está relacionado ao descanso da mente. Por que nos preocupamos tanto, em descansar o corpo e não preocupamos em descansar a mente? Será que quando saímos de férias nos descansamos a nossa mente? Com certeza não, pois nossos canais de comunicação continuam ativados tanto para enviar como para receber mensagens.

Nossas relações no dia a dia se dá através de 2 canais, um chamado emissor e outro receptor. Todas as

vezes que há interação (comunicação) partindo de você, você está funcionando como emissor. Quando ocorre o contrário, em que qualquer tipo de interação (comunicação) chega até você, você está funcionando como receptor. O descanso da mente, geralmente somente ocorre quando você corta todas as possibilidades de ser receptor.

Não existem regras para o período sabático, porém para usufruir dos seus benefícios, a sua decisão de praticá-lo deve ser voluntária. Você precisa aceitar o princípio de que, assim como o corpo, a mente também precisa de descanso.

O chamado período sabático ocorre quando você corta totalmente o canal receptor, ou seja, você tem todas as ferramentas para contactar quem, como e onde quiser, mas ninguém tem nenhuma ferramenta para te contactar, ou seja, é você quem decide que hora deve voltar a ativar este canal. É um período em que sua mente será sua única companheira e com certeza vocês terão muito que conversar.

O Caminho de Santiago é isso: Cansar o corpo e descansar a mente.

A despedida

11ª etapa
Coimbra / Coimbra
Domingo, 17 de julho de 2011
Distância a percorrer: 0

Hoje é o último dia de repouso forçado aqui em Coimbra. Venceram-se os 7 dias impostos pelas inquilinas Bolhas. Voltemos, então, ao dilema das botas.

Depois de muito ponderar sobre se trocava ou não trocava as palmilhas e como a luz do Beto ainda não havia chegado, só me restava tomar esta decisão a luz de lamparina mesmo.

Primeiro ponto que eu cheguei a conclusão era que

trocar somente as palmilhas seria um risco muito maior do que trocar a bota inteira. Pois seria quase impossível eu encontrar uma palmilha que fosse específica para meu modelo de botas, alias, acho que o modelo da minha bota nem é mais fabricada. **Por outro lado trocar de calçado no meio do Caminho de Santiago é considerado uma verdadeira temeridade, pois a recomendação número um de todos os manuais do Caminho é de que o calçado deve ser comprado meses antes de se iniciar o Caminho e amaciado.** No meu caso tinha um agravante, pois a nova pele formada na região onde estavam instaladas as inquilinas bolhas era muito fina e eu não podia se dar ao luxo de "testar" um novo calçado.

Depois de muita pesquisar na internet, (pesquisa fruto da luz que aquele jovem senhor maratonista tinha dado e meu ego tinha desprezado) sobre calçados, descobrir que o tipo de calçado profissional em que mais se pesquisa a questão do conforto para os pés, é o calçado para maratonista pois ele precisa percorrer grandes distâncias e sempre forçando toda a base dos pés. Descobri que existe uma verdadeira competição entre as grandes marcas justamente para desenvolver calçados que tragam conforto aos maratonistas.

Todas as grandes marcas investiram em pesquisas e desenvolveram sistemas de amortecimentos nos seus tênis com ar, gel, silicone e outros ingredientes. Depois destes

dados técnicos todos e, também, depois de acessar sites e fóruns de maratonistas, onde eles expõem suas opiniões sobre o conforto dos calçados, meu medo foi amaciando.

A gota d' água, para libertar-me deste paradigma e deste mito, de que o Caminho de Santiago somente se faz de Bota foi um depoimento que vi em um site de um maratonista que disse: " Ao longo de dez anos, eu tive cinco modelos de tênis, todos profissionais e todos muito bons, mas o melhor de todos, é o atual, Gel Cumulus 12, pois você pode correr o dia inteiro, até arrebentar as pernas, mas bolha nos seus pés não aparece".

Pronto, estava ali escrito, em letras garrafais, a palavra mágica: Bolhas. Era tudo que eu queria ouvir, ou melhor, ler. Aproveitei, já pesquisei ali na internet quais lojas vendiam este tênis e descobri que em Portugal somente a rede de Lojas Zone Sport (uma espécie de Centauro aí do Brasil) eram autorizados a vender este produto. Já descobri ali, na hora, na internet, que no Shopping Dolce Vita, aqui em Coimbra tem uma loja desta. Saí correndo da "lan house" e fui direto para a loja do Shopping procurar este tal de tênis "Gel Cumulus 12".

Existiam somente 2 pares na loja, um exatamente o meu número e ainda por cima estava em promoção, de 130 Euros, por 89,00 Euros. Experimentei o tênis e dei alguns passos ali mesmo. **Apesar de todo o conforto, ainda**

senti dor no local das bolhas, porém me convenci de que aquilo era natural. Comprei o Gel Cumulus 12, digo, tênis.

Apesar de toda euforia, quando cheguei no hotel e vi, ali em um canto, meu velho par de botas, ao lado da minha muleta e da minha bota ortopédica, percebi que eu não estava tão seguro assim da minha decisão. Pois além de trocá-la, eu também tinha que deixá-la ali, naquela cidade, naquele fim de mundo, do outro lado do Atlântico. Sei não...

Sei sim! Pensei comigo: Ela não vai ficar sozinha, terá a companhia da minha muleta e da minha bota ortopédica. Vou doá-los amanhã na minha partida...

O recomeço

12ª etapa
Coimbra / Mealhada
Segunda, 18 de julho de 2011
Distância a percorrer: 23 Km

Durante a noite, matutei todo o percurso do dia seguinte. Eram 25 km sem choro e nem vela. Confesso que eu olhava para o mapa, olhava para o tênis e olhava para o meu pé direito. **Eram três incógnitas: Um percurso que eu não conhecia, um tênis que nunca usei e um pé que nunca tinha caminhado.** Os três tinham que atuar em harmonia, pois se um falhasse todos os outros dois estariam comprometidos. Porém, claro que meu maior receio, era com os pés. **O esquerdo estava zero bala, porém o direito com a nova pele que estava em formação, parecia pele de bumbum de bebê, de tão liso.** E durante

um tempão, eu ficava passeando os olhos e os pensamentos pelo mapa, pelo tênis e pelos pés.

Depois desta trilogia de dúvidas, e de muito ponderar os prós e contra, achei melhor não arriscar tanto assim, neste retorno. Resolvi fazer um percurso menor neste primeiro dia. Aliás, até acho que estou ficando velho, esse negocio de ponderação, não me parece coisa de jovem. Prossigamos.

Como resultado da ponderação, resolvi pegar um taxi até uma vila (Adémia de Baixo) que fica a 9 km adiante e de lá eu, finalmente, testaria o mapa, meu tênis de maratonista e meu pé com pele de bumbum de bebê. Antes porém, preparei meus amigos, as botas, a muleta e a bota ortopédica para doá- los à Santa Casa de Misericórdia.

As 07:00h eu já estava no taxi em direção a meu retorno. Do local de onde o taxista iria me deixar até Mealhada, o destino programado, restariam cerca de 16 km e seria nestes 16 km, que eu iria saber se minhas decisões foram ou não acertadas.

Durante o trajeto, combinei com o taxista para ele dar uma paradinha rápida na Santa Casa de Misericórdia para que eu fizesse a doação.

Por volta das 07:20h, depois de sete dias e muitas

provações, lá estava eu e 16 km a minha frente. Em condições normais esta distância seria tirada de letra, mas nas minhas condições... Veremos!

A maciez do tênis, nas primeiras passadas era impressionante. Realmente havia uma enorme diferença, em termos de conforto para os pés, entre minha velha bota e este novo tênis. O caminho dirá se ele manterá esta maciez e conforto. Prossegui todo o percurso bastante confiante e tanto o mapa, quanto o tênis e meus pés, trabalharam em harmonia.

Depois de 4 horas de caminhada cheguei bem em Mealhada que é uma cidade pequena, cerca de 20 mil habitantes, e possui somente dois hotéis, hospedei-me na Pensão Castela de um casal de velhinhos. Foi a mais barata, até agora, paguei 15 Euros. Mealhada deve ser a cidade da cortiça (fabricação de rolhas e etc.), pois durante o trajeto vi varias vezes caminhões carregados com esta matéria prima.

Depois do banho, fiz uma vistoria minuciosa da minha pele de bebê e acho que amanhã dará para fazer o percurso todo que é de 26,5 Km até Águeda.

Uma coisa que me chamou atenção neste percurso, foi que, pela primeira vez, eu vi uma Cruz na beira estrada. Ao contrário do Brasil, onde Cruz na estrada, já é fato

corriqueiro tanto quanto animais mortos nas estradas. Aqui, ambos são uma raridade.

Lembrei do meu poema Cruz na estrada:

*"Um vulto
Cruza.
Cruza a estrada.
Cruz
Na estrada."*

O cheiro do Caminho

13ª etapa
Coimbra / Águeda
Terça, 19 de julho de 2011
Distância a percorrer: 27 Km

Acordei bem cedo, 06:00h, e comecei os preparativos para a caminhada. Existe uma rotina matinal, que é a seguinte:

- 1) Relógio (de pulso) desperta as 06:00h;
- 2) Levanto, escovo, passo protetor solar (rosto e braços);
- 3) Vistorio os pés e passo vaselina em todo o pé, principalmente, entre os dedos, calço as meias e coloco o tênis;
- 4) arrumo a mochila separando roupa suja e ou molhada da roupas limpa;

- 5) Separo o mapa do dia, que já foi estudado a noite;
- 6) Recolho fios e cabos (máquina fotográfica e Ipad)
- 7) Acomodo na mochila (em local fácil de retirar) a banana e a maçã, compradas no dia anterior, que será o lanche da caminhada;
- 8) Abasteço o cantil (meio litro de água);
- 9) Jogo a mochila nas costas e faço a checagem se os ajustes estão iguais ao padrão já definido pelo Caminho;
- 10) Faço vistoria visual em todo ambiente e parto.

Aproveito que estamos falando em rotinas, para descrever abaixo outras rotinas do dia a dia:

- 1) Depois de iniciada a caminhada, paro de 2 em 2 horas para descansar e lanchar. Nesta parada, de cerca de 15 minutos, é essencial que as botas, digo, tênis sejam retirados para que haja uma ventilação nos pés e no tênis;
- 2) Carimbar, em todos os locais onde pernoitou, a Compostelana (Documento do Caminho de Santiago. Nota: **Tem mais valor do que qualquer passaporte**);
- 3) Lavar roupas de 2 em 2 dias;
- 4) **Seguir sempre as Setas Amarelas, elas são o seu GPS até Santiago, se bem que, neste caminho via Lisboa, de vez em quando as setas amarelas não conseguem pegar o sinal do "satélite de São Thiago" e a coisa fica complicada.**
- 5) Etc...

Por volta das 06:40h eu já estava na estrada. Era hora de enfrentar estes 26,5 km depois do teste drive anterior de 16 km. Como todo bom amigo, o meu, "lá de Cima" , preparou-me um belo dia. Eu o conheço muito bem e Ele muito mais a mim. Jamais, em momento algum, o pedi algo, porém, sempre o agradei.

O engraçado é que a todo momento, neste caminho, as pessoas perguntam se estou pagando uma promessa, principalmente porque caminho sozinho. Eu respondo que sim, estou pagando uma promessa, pois, na visão deles, se não for promessa, deve ser loucura, e eu prefiro ficar com a promessa. Na verdade, A impressão que se dá é que para que o nosso Amigo lá de cima nos dê algo, nós devemos nos sacrificar, nos imolar, quase sempre fisicamente. Eu não penso assim, porém fé é fé, e não importa de que jeito seja a sua, tenho apenas uma certeza: Sem ela, não há sonhos e sem sonhos, não há vida? Voltemos aos assuntos terrenos.

Como eu dizia, o meu Amigo lá de Cima, havia me preparado um belo dia... Era uma linda manhã. Pouco depois de deixar Mealhada, a menos de 2 km, o caminho entrava em um bosque de grandes arvores, e os meus pés percorriam uma fina estrada que adentrava o bosque e eu me sentia totalmente acolhido por ele. Em cada lado, desta

fina estrada, floria canteiros naturais de pequenas e variadas flores e o meu hábito de catalogar na mente, as pequenas flores do caminho, diminuía o meu passo a todo momento.

Somado a tudo isso, um vento suave e levemente frio caminhava comigo. Ia na mesma direção que eu. Tive-o como um amigo, lado a lado, por mais de uma hora e antes dele deixar-me, presenteou-me com algo, que há muito eu procurava: **" O "cheiro" do Caminho de Santiago. Este " cheiro" veio depois de uma pequena curva. Lá estava, pela primeira vez, depois de 300 km da partida de Lisboa, a concha. A concha na sua estaca característica do Caminho de Santiago.**

No Chamado caminho francês, que fiz em 2006, você já dá o primeiro passo dentro de todo clima do Caminho. Você recebe sua Compostelana, zerada, em Saint Jean Pied de Port, primeira etapa do caminho e da porta do albergue até Santiago não existe nenhum percurso com mais de 1 km que não tenha a marca do símbolo do caminho de Santiago.

Neste caminho português, que estou fazendo desde Lisboa, peguei minha Compostelana aqui no Brasil, da amiga Inês da AACSBRASIL, do Rio de Janeiro e como já venho falando é **um caminho deserto, não que eu queira procissão caminhando comigo, mas além da falta de**

um amigo, lado a lado, como tive da outra vez, sentia muita falta do "cheiro do caminho", que é chegar em um albergue, depois de um dia de caminhada, e ter alguém com quem dividir as bolhas, as dores e os risos.

É deste cheiro que eu falo e a partir de agora, eu sei que este "cheiro" será cada dia mais forte.

Voltemos ao caminho.

Ao longo do resto do caminho, já contaminado pelo bosque, pelo leve vento e principalmente pelo "cheiro do caminho, cheguei bem em Águeda, uma bela cidade, situada na beira de um grande rio, com mais de 400 anos de história. Aliás, vai ser difícil encontrar por aqui, cidade ou freguesia com menos de 400 anos. Freguesia é como eles chamam os vilarejos não emancipados.

Hospedei-me no Residencial Estela, escolha feita induzida por vários belos cartazes afixados, já a uns 10 km antes, fazendo propaganda das qualidades da mesma. Foi uma grande "latada". Mas o que não faz uma publicidade feita na hora e local certo, direcionada a pontaria de campeão de tiro, a um público certo, ou seja, um peregrino capenga e esfomeado.

Abro aqui um parêntese, para comentar outro grande problema deste caminho português: Quando

você chega em uma cidade ou freguesia, que é o seu destino final para pouso, você tem que sair tasteando por tudo quanto é canto, tentando encontrar um albergue, pensão, residencial, bombeiros voluntários ou qualquer coisa que te dê um pouso. Ao contrário do caminho Francês, onde você já tem todo um roteiro com a indicação de tudo.

Portanto, quando o " Dpto de Marketing" do Residencial Estela, usou aqueles belos e atraentes cartazes para atrair peregrinos, eu caí na rede!

Quando cheguei na praça da cidade, direcionado pelas setas amarelas, perguntei a um taxista onde ficava o Residencial Estela. **Ele disse: Você sobe esta rua a "vida inteira" que você sai lá. Olha, esta expressão " a vida inteira" já me deixou de orelha em pé. Porém, quem sabe, esta vida inteira não fosse tão longa! ...Mas era!** Resumindo: Contando as duas vezes que descii até a cidade para almoçar e procurar uma internet, mais a partida no outro dia para pegar o início do caminho de novo, lá embaixo na cidade, eu acabei andando uns 7 a 10 km a mais por causa daqueles "belos cartazes" e como alguém já dizia, com toda razão: A propaganda corrompe até a alma.

Campo de tiro

14ª etapa
Águeda / Albergaria A Velha
Quarta, 20 de julho de 2011
Distância a percorrer: 23,5 Km

Como de costume, sai bem cedo, mesmo porque, de onde dormi (Residencial Estela), até o reinício do Caminho, são quase 2 km. Pela primeira vez lembrei os Pirineus francêss, com as devidas proporções (o mais difícil trecho do Caminho de Santiago Francês), pois logo no início, tenho que vencer vários morros, um após o outro para depois entrar nas trilhas normais. Aproveito este assunto para esclarecer algumas situações do Caminho que foge do senso comum. Exemplos:

- 1) É sempre melhor caminhar numa subida do que numa descida, pois na descida você força muito os joelhos e força, também, as pontas dos dedos dos pés contra a parede do tênis deixando-os terrivelmente doloridos;
- 2) Quando caminhar no asfalto, fazê-lo sempre na contra mão, pois assim você terá a visão, dos carros que passam mais próximo de você, sempre de frente;
- 3) Preferir sempre caminhar nas trilhas, fora do asfalto, pois no asfalto o desgaste dos seus pés são muito maiores devido a alta temperatura do mesmo, que quase cozinha seus pés, favorecendo muito o aparecimento de bolhas.
- 4) **Quem deve determinar a quantidade ideal de água que você deve tomar em cada percurso, não é sua sede, e sim o seu xixi.** Explico: Enquanto seu xixi não estiver claro como a água você não está 100% hidratado.

Voltemos ao caminho.

Este percurso tem cerca de 24 km, e eu o fiz de forma tranqüila. Ao chegar na cidade de Albergaria, encontrei uma pensão bem na entrada da cidade, se bem que a cidade é tão pequena que da pensão a qualquer ponto da mesma, é um pulo. Esta pensão é muito interessante porque esta instalada em um grande casarão sendo que no mesmo funciona a pensão, um restaurante e uma "venda",

digo, venda porque é uma venda “m.e.s.m.o”, onde o que mais tinha no mostruário para vender era capa para espingardas e aqueles cintos de colocar cartuchos.

Estas capas para espingardas me fez lembrar um fato curioso que venho vendo desde o inicio do caminho aqui por Portugal e que não me recordo de ter visto nenhuma vez quando caminhei pela Espanha. **Desde que comecei o caminho tenho visto, em várias trilhas, inúmeras placas vermelhas com uma tarja branca escrita "Zona de caça associativa, processo n°...." o que me leva a crer que por aqui eles praticam muito a caça, não sei bem de quê, mas praticam! Já ouvi vários tiros enquanto caminhava por estas trilhas. Tirei, também, varias fotos, pois o fato é engraçado, pra não dizer preocupante, pois como podem colocar as setas amarelas, do caminho de Santiago, quase sempre passando no meio de uma área de caça!? Será por isso que você não encontra ninguém fazendo este caminho por Lisboa!?**

Voltando ao assunto desta pensão interessante, eu explico:

- 1) Para ir para a pensão, você entra pela porta da venda;
- 2) Para ir para o seu quarto, depois de ter passado pela porta da venda, você passa pela cozinha;
- 3) Para ir almoçar, você entra pela porta da venda, atravessa o balcão da mesma e cai dentro do restaurante.

O restaurante é muito legal. Ele é dentro de um salão que era (ou será que ainda é? Não sei) uma adega com enormes barris de vinhos enegrecidos pelo tempo que estão sobre trilhos de madeiras nas duas laterais do salão; Tem duas fileiras de mesas, para quatro pessoas cada mesa; Uma fileira em cada lado do trilho, sobrando uma trilha no centro do salão que dá acesso às mesas.

Quando cheguei para almoçar, parecia que eu tinha acabado de entrar em um set de filmagem do velho oeste, e para completar as mesas são comunitárias, ou seja, você chega e senta em qualquer uma das mesas que tenham menos de 4 pessoas, portanto, privacidade zero. Na mesa que eu sentei, não por acaso, tinha dois senhores já sentados e que conversavam sobre o fado (música regional aqui de Portugal) e eu ali do lado, na mesma mesa, ouvindo uma conversa sem poder participar. É algo meio insólito.

Isso tudo não me causou muita surpresa, porque logo ao chegar, descer a mochila das costas, pegar meu passaporte e fazer menção de entregá-lo, para preencher a ficha do hotel, ele me respondeu que ali não se preenchia fichas. **Pronto, pensei comigo, estou no velho oeste mesmo!** Por via das dúvidas perguntei se ele tinha um carimbo para carimbar minha compostelana e ele disse que na venda tinha e que depois eu passasse por lá para carimbá-la. Eu falei ok, combinado, mesmo porque era

impossível eu sair do hotel sem passar pela venda. Depois, eu também percebi, que eu era o único hospede do hotel. Ele tem razão, ficha pra que!?

Durante a caminhada, neste percurso, nos 5 km finais, ao passar no vilarejo de Serém de Cima, recebi a benção de uma senhora que estava a cuidar do seu jardim. Eu já havia passado por ela e já ia lá adiante, porem, ouvi ele falar em tom de exclamação, em sotaque português, e em alta voz: "És do Brasil, vais para Santiago... Tenho uma filha lá! Eu olhei para trás, sorri e lhe acenei a mão. Ela respondeu sorrindo, " Vais com Deus!"

Continuei meus passos, feliz com a benção dela, porém com uma duvida: A filha dela mora no Brasil ou em Santiago?...

Reunião com Thiaguim e Fatinha

15ª etapa
Albergaria A Velha / Oliveira de Azemeis
Quinta, 21 de julho de 2011
Distância a percorrer: 20,5 Km

"Levantei bem cedo, feliz com a evolução positiva na recuperação dos meus pés e mais feliz, ainda, por ver que no mapa, logo após um 1,2 km o caminho se estendia por 6 km dentro de um bosque de pinheirais. A lembrança boa do ultimo bosque que passei e que encontrei o " cheiro" do caminho me induzia a acreditar que atravessar este bosque no frescor desta manhã seria gratificante e eu poderia até reencontrar aquela leve brisa que havia me acompanhado antes.

Ledo engano, pura ilusão!!

Joguei a mochilas nas costas e sai confiante de que estes 20 km de hoje, seria moleza!

Pois bem, meia hora depois de sair do hotel, digo, hotel, venda e restaurante, eu adentrei no dito cujo bosque, mais feliz do que Chapeuzinho Vermelho, naquele conto infantil antes de cair nas garras do lobo mau. Como eram 6 km, em uma hora e meia, eu teria concluído o percurso, e na medida em que eu caminhava e ia aparecendo algumas bifurcações, ia, também, aparecendo as benditas setas amarelas que me conduzia pela trilha correta. **E assim, na primeira meia hora, corria tudo muito bem. Porém, logo apareceu a primeira, que não seria a última, bifurcação sem nenhuma seta amarela.**

Procurei a seta amarela por tudo quanto foi canto e não encontrei e aí a ficha começou a cair: Eu estava atravessando uma floresta de pinheiros, que logicamente, eram cortados e replantados de tempos em tempos, pode ser que alguns dos pinheiros onde existiam as marcações, feitas em 2006 (conforme informação do guia do Alexandre Rato) e nós estamos em 2011, tenham sido cortados. A quantidade de troncos cortados encontrados em vários pontos da trilha, somente confirmavam minha suspeita. Além deste fato tinha mais um agravante, haviam varias pequenas trilhas que adentravam dentro da mata 100, 200,500 metros e terminavam, pois eram trilhas que, parecem que foram feitas, para o corte e coleta da madeira

dos pinheiros e que não levavam a lugar nenhum.

Resumindo o caso desta primeira bifurcação: Como a primeira errada feia que eu tinha dado foi na etapa 2, e lá numa bifurcação, eu tinha optado pela trilha da esquerda, desta vez, usando todo o rigor científico que o caso exigia, optei pela trilha da direita. Pimba!! Era a correta, pois depois de uns 15 minutos de caminhada encontrei uma seta amarela.

Ciente e preocupado que este fato podia se repetir, pelo motivo já explicado, redobrei minha atenção e esmiucei o mapa detalhadamente, porém, infelizmente, nada o mapa acrescentou, apenas me deu a certeza que havia muita mata pela frente. Menos de 10 minutos depois de ter passado pela seta amarela que tinha me dado a certeza que eu tinha pegado a trilha correta na encrenca anterior, lá estava eu na mesma encrenca, digo, em outra encrenca: Uma bifurcação sem seta amarela.

Depois de muito avaliar, peguei a trilha da direita. Caracas!! Era a incorreta, em menos de cinco minutos a trilha passava no meio de um incêndio, que tinha ocorrido a pouco, pois ainda havia muita fumaça. **Voltei toda a trilha, sentei, enxuguei o suor e me pus em reunião com Thiaguim e Fatinha pra saber que rumo tomar. E olha que eu não tava muito bom com eles não! Conversa vai, conversa vem e o consenso não chegava. O Thiaguim**

votou na da esquerda e Fatinha votou na da direita, deu empate e o pior é que eu que tive de dar o voto de minerva! Lá vou eu de novo tentar atravessar aquela trilha toda chamuscada, pois algo me dizia que depois daquele pedaço de trilha chamuscada eu encontraria uma seta amarela do outro lado e estava tudo resolvido. Ledo engano!

Atravessei aquele pedaço de trilha chamuscada o mais rápido que pude e confesso que senti saudade das minhas botas, mas de qualquer modo sai do outro lado confiante de que encontraria uma seta amarela. Andei mais uns 400, 500 metros e a trilha só foi afinando até acabar totalmente, em lugar nenhum. Voltei meio beijudo com o Tiaguim e com a Fatinha, mas também pensei: Quem sabe neste momento eles não estão me carregando no colo! Atravessei de volta aquele pedaço de trilha chamuscada e peguei a outra bifurcação. Caminhei durante uns 20 minutos e encontrei uma seta amarela. Fiquei muito feliz, mais nada confiante, pois ainda havia muita mata pela frente!

Para encurtar a história, encontrei mais três bifurcações sem indicação de que rumo tomar e em todas eu tive que seguir uma das opções. **A encrenca foi maior quanto encontrei uma bifurcação em que uma das “pernas” se abria em três e a outra “perna” se abria em duas. Desta encrenca de cinco “pernas” eu demorei a**

sair e somente depois de cerca de uma hora de erros e tentativas e suspiradas profundas, eu ouvi o barulho de motor e fiquei atento. O barulho foi se aproximando e na curva eu vi surgir um pequeno trator guiado por um senhor. Ao me ver, ele ficou assustado, mas logo percebeu, que eu não era nenhum ET, apenas alguém esquisito, pra não dizer desesperado.

- Esta trilha que o senhor estar seguindo, vai para Albergaria a Nova - Perguntei (vilarejo que, pelo mapa, fica a menos de 1 km, depois da saída do bosque).

- Para onde tu vais?- Perguntou ele, antes de responder minha pergunta.

- Vou para Santiago, Espanha! - Respondi.

- Espanha!?

- Sim, Espanha! - Repeti.

- **Não estou a saber que por aqui se vais a Espanha!** - Respondeu ele.

- Ok! eu, Peregrino para Santiago. Pelo meu mapa (mostrei o mapa para ele) depois deste bosque, que iniciou em Albergaria a Velha, se chega a Albergaria a Nova! Estas a seguir para lá!? - Perguntei.

-Sim, estou!..

- Posso segui-lo!...

- Se queres! - Disse ele.

Ufa, ufa, ufa!!! Suspirei três vezes e sair a seguir o seu trator. Em menos de 20 minutos surgiu uma trilha já fora do bosque das trilhas chamuscadas!

Apesar dos vários erros que me obrigou andar bem mais do que o percurso previsto, cheguei bem em Oliveira de Azeméis. Uma pequena, hospitaleira e bela cidade. Eu até acho que o meu Amigo lá de cima, deve ter dado uns puxões de orelha no Thiaguim e na Fatinha, pois a minha estadia em Oliveira de Azeméis, foi ótima!

Três fatos positivos que ainda não tinham ocorridos e que ocorreram todos em Oliveira de Azeméis:

1) Primeiro fato Positivo: Chegando na cidade parei em uma pequena banca de revista e pedi informação para uma senhora sobre, residencial, hotel ou albergue na cidade.

- Vais para Santiago! - Disse ela com entusiasmo, vendo minha concha na mochila.

- És Brasileiro! - Disse ela, com maior entusiasmo ainda, vendo a bandeira do Brasil na mochila.

- Sim! - respondi.

- Podes pernoitar lá em casa! - Disse ela, assim na bucha! E complementou: Aqui não tem albergue, só hotel muito caro. És peregrino, sou devota de Santiago, não vais dormir na rua!

- Eu agradeço muito, fico muito feliz com o convite, mas eu não quero dar trabalho para a senhora. Não tem problema, eu vou para o hotel! - Disse eu, ainda meio sem jeito, por ato tão nobre e tão raro.

- Oras, não há trabalho nenhum! Mas se queres ir para o hotel, ele fica... - aí, então, ela explicou-me,

detalhadamente, como chegar ao hotel.

2) Segundo fato Positivo: Chegando ao hotel, percebi que era um hotel de alto padrão, e como neste tipo de hotel, geralmente a reserva pela internet é muito mais barata do que a tarifa cheia no balcão, aí então, cheguei com a mochila nas costas e perguntei, na recepção, se eles me fariam o preço da internet, pois eu estava caminhando para Santiago e não

tinha tido tempo de fazer a reserva pela internet. O atendente, que por acaso, naquele momento era o gerente, me disse:

- Peregrino para Santiago!? Te faço muito melhor. Vou te fazer tarifa de Peregrino, me dê o seu Passaporte. - Disse ele sorrindo.

Daí a cinco minutos eu já estava acomodado em uma ampla suíte de luxo ao mesmo preço do Residencial Estela, lá de Águeda, aquela da propaganda enganosa!

3) Terceiro fato Positivo: Depois de tomar um banho, sai para comprar agulha e linha para tratar de uma bolha junto ao dedo mindinho do pé direito, pois eu tinha perdido agulha e linha em algum lugar aí pra trás. Sai na porta do hotel e dei de frente com uma lojinha de roupas. Entrei para perguntar, mas sem muita esperança. Mas não é que tinha! A mulher queria saber que tipo de agulha, que quantidade e que cor de linha eu queria. Aí, meio sorrindo, eu disse que nada disso tinha importância, pois o que eu queria mesmo,

era cuidar dumas bolhas, e mostrei meu pé, que ainda estava com as marcas daquela tragédia. Ao ver meu pé, elas ficaram impressionadas e conversa daqui, conversa dali, elas acabaram me obrigando trazer um pouco de álcool em um vidrinho para desinfetar linha e agulha na hora de costurar a bolha com a condição de que eu reze uma prece pra elas em Santiago. Negócio fechado!!

Flores para Sr. Francisco

16ª etapa
Albergaria A Velha / Oliveira de Azemeis
Sexta, 22 de julho de 2011
Distância a percorrer: 20,5 Km

Sai bem cedo, já sofrendo por antecedência, ou melhor, na verdade não gastei nem cinco minutos, pensando neste assunto: Meu destino final deste dia é Lourosa, ou seja, preciso de um pouso lá, e lá não existe nem albergue, nem pensão, nem residencial. Parece que tem bombeiros e é lá que eu vou pedir um pouso, então, pra que ficar preocupando com isso 20 km antes da hora!!

Saída da cidade, 06:40h, temperatura 14°C - marcava um termômetro de rua - uma boa brisa remando ao meu favor, eu pude apreciar as belas ruas desta cidade, sempre marcada por muitas flores, **a felicidade caminhava comigo, de mãos dadas!**

Tive oportunidade de conhecer a biblioteca (em busca de uma internet) e fiquei admirado do quanto a mesma é preservada, bem organizada e o quanto toda a cidade preserva, também, a sua história. Alias, em todas as cidades e vilarejos, por onde passei, é perceptível essa preocupação em preservar a história e cultuar seus heróis.

Por falar em herói, nós brasileiros, precisamos rever o nosso conceito de herói que a mídia vive a criar. Foi pensando neste conceito que lembrei-me do "Seu Francisco" do sinaleiro e do Sr. José Alencar, Ex Vice-Presidente...

Goiânia, início do ano 2.000...

Toda semana, por duas a três vezes, eu já iniciava a subida da Av. T-2, lá embaixo na T-7, me posicionando no trânsito para que na chegada do sinaleiro da T-2 esquina com a T-9 eu o pegasse fechado.

Era lá que eu tinha exatamente um minuto de prosa com o " Seu Francisco". Ele era inconfundível. Sempre em um

terno, encardido pelo tempo, mas elegante. Cabelo sempre bem penteado. Estatura baixa, meio emborcada, marca da caminhada pela vida. Pele morena, quase negra pela força do sol; Falar manso e andar mais manso a cada dia. Sessenta e dois anos, havia me confessado.

Ficamos amigos. Ao parar no sinaleiro, eu já piscava os faróis do carro e ele, já todo sorridente, levantava do seu banquinho e caminhava até mim. Ali eu perguntava como ele estava, como estava a filha dele, elogiava a qualidade da manga que ele havia trazido para mim no encontro anterior e...
O sinal abria, alguém já buzina e eu partia entre frases cortadas, para continuarmos no próximo encontro.

Assim, semana após semana, eu esperava com certa ansiedade, a hora de passar pelo cruzamento do " Seu Francisco"... Era um ponto de pausa das coisas do meu mundo, para no final do dia entrar um pouco no mundo do seu Francisco que com ternura, voz suave e altivez fazia eu perceber quão pequenos eram meus problemas.

Havia dois anos que a esposa tinha falecido e desde então, havia ficado sozinho com uma das filhas. Tinha três filhos, dois já casados e moravam distante. Quando a esposa morreu, ficou ele e a filha. A filha trabalhava de doméstica em uma casa ali perto da T-2. Como vivia triste pelos cantos, a filha sugeriu que ele fosse "passear" com o vizinho, Seu Joaquim, no sinaleiro da T-2, pois enquanto Seu Joaquim vendias as balas, que a esposa fazia, ele se distraia com o movimento e com a conversa do vizinho. E foi que ele fez. O tempo foi passando, ele

foi se distraindo com aquele movimento, o vizinho mudou para outro sinaleiro e ele continuo ali, indo e voltando com a filha todos os dias e vendendo as balas para os clientes do vizinho.

Quando eu parava para comprar suas balas, quase sempre eu pegava menos bala do que tinha direito e ele dizia: Você tem troco! Pegue o seu troco!.. E eu respondia depois eu pego, e foi assim que nossas conversas foram evoluindo. Até que um dia, parado no sinaleiro, ele apareceu com uma das mãos escondidas atrás e sorrindo me perguntou:

- Você gosta de manga?

- Muito! - Respondi.

- Olha o que eu trouxe pra você! - Falou ele todo sorridente e entusiasmado, retirando a mão escondida e me entregando a manga. Comecei a fazer festa para ele, o sinal abriu, alguém buzinou lá atrás e eu parti...

E assim, entre mangas, trânsito, doces e buzinas minha amizade com Seu Francisco se prolongou até setembro de 2001, quando ele desapareceu.

Cada dia eu subia a T-2 com uma esperança maior de encontrar Seu Francisco naquele cruzamento, mas lá, ele não estava. Rebusquei na memória se em algum momento ele teria me falado de alguma mudança, ou quem sabe a filha tivesse mudado de patrão, mas não, ele não me havia falado nada. O que me preocupava, era que, apesar da sua aparente rudez , era muito educado e leal, ele não mudaria sem me avisar.

Três meses se passaram, até que um dia, no mesmo sinaleiro, avistei de longe alguém a vender balas. Diminui a marcha e procurei um local a direita para estacionar. Eu precisava interrogar aquela pessoa sobre o paradeiro de Seu Francisco. Era um jovem vendendo balas. Atravessai a pista e fui ate ele.

- Olá! Você conhecia ou conhece o senhor que vendia balas aqui antes...?

- Sr. Francisco! -Disse ele.

- Sim, Seu Francisco! Você sabe dele?... - Perguntei.

- Você é o Sr. Valdir? - Perguntou ele. Ao ouvir isto, fiquei pasmo. Como este jovem sabe meu nome!?

- Como!? - Indaguei, face a incredulidade que eu estava.

- Você não é o Sr. Valdir!?

- Sim, sou eu, por que? Onde esta Seu Francisco?

- ...

Ele morreu!

- ...

Me explicou que ele era filho do Seu Joaquim, para quem o Seu Francisco vendia as balas. Me disse que Sr. Francisco esteve internado por três dias, depois de perambular por vários hospitais sem conseguir atendimento. Fazia quase três anos que ele aguardava uma vaga para realizar uma cirurgia e não conseguia. A situação agravou e depois de três dias internado, sem ainda ter feito a cirurgia, faleceu. Disse que enquanto esteve doente, perambulando por hospitais, pediu para a filha avisar o seu amigo do sinaleiro, Sr. Valdir, que logo ele estaria de volta. E portanto, tinha sido a filha que tinha

pedido para ele, que agora vendia balas, no seu lugar, para avisar-me da sua partida... E do seu recado.

Perguntei pela filha do seu Francisco, como ela estava, e ele me revelou algo surpreendente: Na realidade ela era filha de "criação" (adotiva), mas foi a única que sempre cuidou do seu Francisco.

Agradei o rapaz, voltei para o carro e até hoje, ao cruzar a Av.T-2 com Av. T-9, Meus olhos saem a procura do Seu Francisco, vítima do descaso com a saúde pública, que chega ao absurdo de colocar um doente por anos e anos em uma fila a espera de uma cirurgia eletiva.

Conclusão:

Há pouco tempo morreu o Vice-Presidente, Sr. José Alencar, onde toda a mídia, para não dizer o Brasil, o tratou como herói. Já existem dezenas de projetos para dar o seu nome a ruas e avenidas. Que me desculpem quem pensa ao contrário, mas o meu herói é o Seu Francisco e não Seu José. Qual o feito extraordinário do Sr. José? Eu respondo: Teve acesso ao melhor hospital e ao melhor médico, o que é o seu direito, pois tinha dinheiro para isso. O que não podemos é transformá-lo em herói pois lhe falta algo essencial a qualquer herói: Caráter.

Como podemos ter como herói um cidadão que

negou a paternidade de uma filha e para tentar amenizar a sua falta de caráter insinuou que a mãe era prostituta, como se isso tornasse o seu ato mais aceitável. Não interessa se a mãe da criança é a rainha da Inglaterra ou a prostituta mais rampeira, o que interessa é que a criança tem direito a ter um pai.

Heróis são os milhares de brasileiros que esperam por até 12 anos por uma cirurgia na fila do SUS e muitos, ainda conseguem sair vivo do outro lado desta fila, estes são os meus heróis.

Outro exemplo de herói sem caráter é o Sr. Edson Arantes do Nascimento, que negou a paternidade de uma filha até ser obrigado, pela justiça, a reconhecê-la. E renega, até hoje, os netos desta filha. **Como atleta, um dos melhores, como cidadão, desprezível.**

Chega de hipocrisia! Nos brasileiros somos tão volúveis e voláteis, que se a mídia fizer uma campanha forte dizendo que o Fernandinho Beira Mar é santo e Madre Tereza engolia criancinha, vai ter muita gente tirando o retrato de Madre Tereza da parede e colocando o de Beira Mar. Não duvidem!!

Voltemos ao caminho.

Como disse, eu já sabia que não havia, pensão,

albergue, residencial ou qualquer coisa onde possa se dormir em Lourosa, meu destino final de hoje. Porém, há bombeiros, quem sabe consigo um pouso lá. Apenas para explicar melhor as coisas: Os bombeiros não são militares, são voluntários e possuem toda uma estrutura física com prédio, viaturas e tudo mais, e eles não fazem somente o combate a incêndios, eles possuem viaturas de socorro como as do SAMU no Brasil. Como são voluntários, creio que acolherão um peregrino.

O Poeta

17ª etapa
Oliveira de Azemeis / Lourosa
Segunda, 23 de julho de 2011
Distância a percorrer: 23,5 Km

A uns 2 km, antes de chegar em Lourosa, sol a pino, suor correndo, passos capengas, lá ia eu começando a subir uma longa rua. Do lado direito da rua, há um pequeno mercado com uma longa calçada paralela à rua, e de lá, um senhor, de aparência humilde, falou comigo:

- Peregrino! Vais muito cansado, descansa um pouco!
- Não, obrigado! Está quase chegando e preciso chegar! - Respondi.
- Venha tomar um sumo, um café... É cortesia!
- Não, obrigado! – Respondi ofegante. Neste momento, quem comandava os meus passos, era minha razão que

tinha um único objetivo: Chegar a Lourosa, porém, minha emoção aliada a ternura que existe em todo ser humano, pedia para parar.

- Estás magoado, e vais a manc: ²⁶ nha descansa! - Enquanto falava, ele continuava a acompanhar os meus passos. Eu pela rua , ele pela calçada.

- Descansa um pouco, refaz as forças! – Insistia ele.

- Não, tenho que... – Era minha razão respondendo quase que automaticamente, toda cheia de razão, mas que foi cortada pela minha emoção que, literalmente, abriu um sorriso na minha face e inclinou meu corpo rumo a calçada.

- Venha! – Disse ele, estendendo a mão para apoiar o meu passo capenga entre a rua e a calçada.

- Ok! Já que vais pagares! - Disse eu sorrindo e lembrando de uma frase do livro O Pequeno Príncipe:

“Só se vê bem com o coração, o essencial é invisível aos olhos.”

Entrei, retirei os sapatos e as meias, para ventilar os pés, e enquanto isso ele já foi me trazendo um sumo (suco) gelado. Ao ver os meus pés, me disse:

- Eu tenho a cura rápida para teus pés. Acreditas?

- Sim, acredito!

Aí então, ele perguntou se eu conhecia a folha da babosa. Eu disse que sim. Ele então, me explicou: você corta uma folha, lava, depois corta um pedaço do tamanho

do ferimento. Depois corte ao meio, de modo que ficarão dois pedaços com o sumo do caule exposto. Use um sobre o ferimento de cada pé fixando-o com ataduras. Deixe por um período de umas 6 horas e depois retire. Repita o procedimento por 3 dias seguidos e pronto!

- Ok, interessante. Vou ver se consigo uma babosa em algum lugar. - Disse eu.

- Espere! - disse ele, e saiu para o fundo da casa. Voltou de lá com uma folha de babosa, devidamente lavada e já dentro de um saquinho para transporte.

Depois, conversamos sobre várias coisas e ele acabou me confessando que estava terminando de escrever um livro de poesias e que iria tirar várias copias e dar para os peregrinos que passasse por lá. Eu me pus a pensar o quanto nós somos preconceituosos e, geralmente, julgamos as pessoas pelo local que vivem, pelo que possuem ou pela aparência.

Eu jamais poderia imaginar que um cidadão, não adolescente, morando em um vilarejo tão humilde, de aparência tão humilde e de um mercado tão humilde pudesse ter interesse em poesia, e mais ainda se dispor a escrever-las e distribuí-las. Só mesmo o Caminho de Santiago!! Lembrei-me de uma mídia interessante que vi em um cartaz fixado em um albergue, ela dizia o seguinte: **Se você olhar somente nos olhos das pessoas não sobrar espaço para o preconceito.**

Depois de muito conversarmos, trocamos endereços para mantermos acesa essa chama pela poesia e eu segui em busca de Lourosa.

Olha aí Compadre Vilmar Barros e Geraldo Poeta, Dom Quixotes da poesia, encontrei mais um Sancho Pança da poesia por estas bandas de cá! E viva a poesia!!!

Pois bem, chegando em Lourosa, sai a caça dos bombeiros. Pergunta daqui, pergunta dali, consegui encontrá-los em uma grande estrutura, com muitos caminhões e viaturas, pois eles atendem toda uma região e não apenas a freguesia (município) onde estão instalados. Ao adentrar no quartel, digo, prédio, a primeira impressão que tive foi que era um clube, pois havia algumas crianças, de 7 a 12 anos a brincar em uma escada que dava acesso ao andar superior, sendo uma vestida de bombeiro. Mais ao fundo, vários jovens adolescentes, de ambos os sexos, também vestidos de bombeiros, pareciam que estavam em um final de treinamento de escoteiros, pois alguns estavam a retirar o fardamento de bombeiros. Havia, ainda, um bar no piso superior, no qual se encontrava varias pessoas, a paisana, conversando e algumas tomando cerveja.

A estrutura, os caminhões, os carros de resgates e tudo mais, eram de bombeiros, mas as pessoas, não

pareciam bombeiros!

Ao chegar, havia um grupo conversando...

- Boa tarde! Com quem eu poderia ver a possibilidade de um local para eu dormir aqui hoje? - Perguntei ao grupo que conversavam.

- Siga-me! - disse um dos que estava no grupo. Pensei que ele ia levar-me até uma sala, preencher uma ficha, pegar algumas informações, conversar algumas trivialidades... Ledo engano!

Adentramos por um corredor que saiu em outro e que saiu em outro. Pegou uma chave, abriu uma porta e entramos em uma sala tipo escolar. Havia 3 colchões encostados em uma parede. Pegou um jogou ao chão.

Ok! - Falou ele. Era a terceira palavra que ele pronunciava.

- Banho!?! - Perguntei.

- Ali - Disse ele, e saiu a caminhar por outros corredores e eu a lhe seguir. Chegando lá apontou-me os chuveiros em uma sala de banhos onde haviam 8 baias de chuveiros. Eu agradei e ele sumiu pelos corredores.

Depois do banho, sai pelas redondezas e ainda conseguir pegar um mercado aberto. Tomei um lanche, cuidei das feridas do pé colocando a babosa tal qual o "Poeta" me ensinou. A sensação nos pés é muita boa. Depois de cerca de 6 horas, retirei o curativo de babosa e enxuguei superficialmente com uma gase. Depois joguei

meu saco de dormir sobre o colchão e fui dormir no meio daquela estranheza toda.

No dia seguinte, acordei mais cedo do que de costume e os meus pés estavam muito bem, obrigado Poeta!

***O poeta é um fingidor.
Finge tão completamente
Que chega a fingir que é dor
A dor que deveras sente.***

(Fernando Pessoa)

O Libertador de Bonsai

18ª etapa
Lourosa / Porto
Domingo, 24 de julho de 2011
Distância a percorrer: 35 Km

Apesar do longo percurso a enfrentar, 35 Km, eu me sentia seguro, principalmente pelo encontro com o Poeta que aliviou, não somente os meus pés com a sua folha de babosa, mas também, minha alma com o seu sonho de poeta, porém, ainda encabulado com aqueles bombeiros sem palavras.

É bom deixar registrado que em momento algum os bombeiros foram mal educados, porém, o que causa

grande estranheza, principalmente para nos brasileiros, é esta aparente falta de ternura demonstrada. Eu cheguei mancando, visivelmente exausto e sendo um quartel de bombeiros, com vários paramédicos e etc, nada mais natural que me perguntassem se estava tudo bem. Porém, o mais incrível, é que durante toda minha estadia não perguntaram como eu estava, qual o meu nome, de onde eu vinha, para onde eu ia e etc. **O único dialogo que tivemos foi aquele, de quatro palavras, e nada mais.**

O caminho, apesar de longo, foi suave, e ao passar no vilarejo de Pedrosinho, caminhei em frente uma floricultura onde havia uma fileira de bonsais que levou meus pensamentos para outras paisagens.

...

Goiânia, 2003

Tenho certeza. Foi no dia 10, não me recordo de qual mês, acho que fevereiro ou março, o ano era 2003. Eu já tinha visto várias vezes um bonsai, mas nunca tinha possuído um bonsai. Pronto, agora eu possuía. Estava ali, sobre minha mesa, com um bilhete:

"Amor, já que o Zezinho partiu, e te deixou sozinho, trouxe esse bonsai para você cuidar e não se sentir tão sozinho"

Era verdade, eu estava chateado. O Zezinho era um

peixinho adotado, que já havia resistido a 4 epidemias no seu aquário e em cada uma delas, nenhum dos seus companheiros resistiram, somente ele.

Sim, ele foi adotado, não foi comprado como os demais. Ele não tinha pedigree para ser vendido. Era dado como brinde para os clientes que, mesmo assim, de graça, o rejeitavam devido o seu jeitão de peixe vira lata: Não tinha cor, não tinha beleza, não tinha pedigree. Parecia a miniatura de um lobózinho de rio.

Logo que me separei, depois de 18 anos de casado, a primeira coisa que fiz foi comprar um aquário e quatro peixinhos vermelhos. Era o que podia se criar em um apartamento e dividir a solidão.

...

Goiânia, 1.992.

As festas que fazíamos juntos, todos os dias, quando eu chegava do trabalho, são inesquecíveis e nas minhas lembranças, a Pretinha e o Pluft, ainda vivem latejante como a vida.

A pretinha, uma vira lata, que depois de condenada pelo veterinário, com uma cinomose e o quadril já paralisado, ignorou o destino e recuperou-se totalmente, era a prova viva da superação. Depois de minha separação, tive que deixá-la.

O Pluft, era um poodle, também, inesquecível e vivemos grandes aventuras juntos. Tive que deixá-lo:

Eu estava no trabalho, quando recebi uma ligação desesperada dos meus filhos (Hugo de 9 anos e Tanyla de 7 anos) me relatando o ocorrido: O Pluft tinha sido feio prisioneiro pela carrocinha da prefeitura. Saí de imediato para o canil da prefeitura. Lá, fui informado, pelos seus algozes carcereiros, que acabavam de chegar com a carrocinha cheias de cães, que ele tinha fugido da carrocinha, para dentro de uma mata, ao lado do bairro Santa Rita. Narraram que ao chegar naquele bairro, ao abrirem a porta da carrocinha para colocar outro prisioneiro, ele havia fugido do “rabecão”.

Era final de tarde, saí direto do canil para o Bairro Santa Rita. Chegando lá, especula daqui, especula dali, cheguei ao lado da suposta mata e lá encontrei uns 20 garotos jogando futebol em um terreno baldio. Especulei com alguns sobre a carrocinha e todos presenciaram o episódio e confirmaram que ele tinha fugido para dentro da mata. Ofereci então, R\$50,00 de recompensa para quem encontrasse o Pluft. A pelada acabou na hora e uma procissão de moleques adentrou na mata gritando pelo Pluft e eu junto.

Em pouco tempo o sol se foi e nossa busca teve que ser interrompida, porém dobrei a oferta para a garotada continuar a procura no dia seguinte. Logo na manhãzinha do dia seguinte, ao meio dia e a tardezinha, passei por lá, e nada do Pluft, mas ainda tinha muito moleque na mata a sua procura. A busca

continuava, mas nem sinal dele.

*Depois de três dias de angustia, recebi um telefonema de uma menina que disse que tinha encontrado um cachorrinho e achava que era o Pluft. **Ele estava irreconhecível, não fosse sua alegria e o longo abraço, pele a pele, ele não seria reconhecido:** Seus longos pelos brancos estavam da cor de barro, carrapichos em todo o corpo, um ferimento na cabeça e outro em uma pata. Três dias depois, ele já estava totalmente recuperado. Depois da minha separação, tive que deixá-lo.*

...

Goiânia, 2003

Os quatro peixinhos vermelhos duraram exatos quatro meses. Um a um foi morrendo, como se tivessem feito um pacto. Voltei a loja e comprei mais quatro vermelhos e um pretinho de cauda longa. Um dia cheguei em casa e cadê o pretinho? Tinha sumido, não estava dentro do aquário. Imaginei mil possibilidades: A diarista..., O filho do vizinho..., Um Et o tinha abduzido..., Ele tinha criado asas e por aí vai.

Dois dias depois senti cheiro de peixaria. Revirei tudo e encontrei o pretinho, atrás da estante já em adiantado estado de decomposição. De algum jeito ele havia saltado de dentro do aquário e tinha caído atrás do armário... Ou seria a diarista que o tinha retirado do aquário, para lhe dar um “corretivo” por ele

ter a mania de morder os peixinhos vermelhos, e o tinha esquecido fora do aquário? Como fazia “certa pessoa” - que não vou revelar o nome, pois o IBAMA pode enquadrá-la em crime ambiental - que era dona de um peixinho preto que mordida os outro e para castigá-lo, **ela o retirava de dentro do aquário e o deixava de fora, sem ar, digo, sem água, por alguns segundos. Quando ele começava a ficar “molinho” e se “estrebuchar”, ela o devolvia ao aquário e ainda lhe passava um sermão:**

- Vê se agora você aprende e não morde mais seus irmãozinhos! – Falava ela com dedo em riste.

Alguns dias depois do triste fim do peixinho preto, os vermelhinhos foram morrendo um a um. Mais uma vez eu estava sozinho! Voltei a loja e comprei mais quatro vermelhinhos. Sim, vermelhos, pois, segundo o dono da loja, eram os mais resistentes. Foi nessa compra que adotei o Zezinho. Depois de sua adoção, mais quatro gerações de peixinhos vermelhos passaram pelo seu aquário, como disse, passaram. Porém, ele, o Zezinho, sempre resistia. Foi então que resolvi não comprar mais nenhum outro peixinho e deixá-lo reinar absoluto no seu aquário. Foram dois anos de companheirismo e apoio mútuo. Porém, sem nenhum aviso, sem nenhum sinal, ele se foi. Não tive mais animo para aquário. Desmantei o mesmo e o coloquei debaixo do tanque na área de serviço.

...

*Agora estava eu diante daquele Bonsai, que tinha pouco mais de 30 centímetros de altura. Busquei informações na internet de como cuidar de um bonsai. **Fiquei surpreso com os métodos de poda que atinge, principalmente, a raiz. É um processo contínuo de mutilação. Eu não podia, ou melhor, eu não queria fazer aquilo.** Era como se eu estivesse condenando algo que nasceu naturalmente e geneticamente para crescer livremente, à prisão de um vaso sobre a janela de um apartamento por toda sua vida.*

Eu iria mudar o destino daquele bonsai. Iria libertá-lo. Levei-o para minha empresa, que tinha uma área de jardim na frente, e o replantei lá, livre, com água e espaço em abundância. O seu crescimento acelerado e a saúde de seus galhos e folhas era um agradecimento claro, cristalino.

*Depois de dois anos, mudei a sede da minha empresa e lá não havia espaço para replantá-lo pois ele já estava com mais de um metro e meio. Porém, durante o período de entrega do imóvel, pedi para o novo inquilino que o mantivesse ali ou o replantasse na calçada, onde havia espaço. Ele foi replantado na calçada da Rua 102, nº165, Setor Sul, Goiânia/GO. É a árvore mais vistosa da rua e hoje mede mais de três metros de altura. Passo lá sempre e outro dia percebi que havia um formigueiro começando a invadir a sua raiz. Passei no dia seguinte e coloquei um remédio próprio para eliminar formigas. Três dias depois, elas haviam desaparecido. **Quem ama cuida!***

Há um ditado popular que diz que só temos uma vida completa quando temos um filho, escrevemos um livro e plantamos uma árvore, eu acrescentaria mais um item: Libertar um Bonsai!

...

Finalmente cheguei em Porto, local de onde partem, praticamente todos os peregrinos que fazem o chamado Caminho Português para Santiago. De Porto até Santiago são cerca de 250 km, enquanto o caminho deixado para trás, de Lisboa até aqui, foram 450km.

Daqui até Santiago serão mais onze dias de caminhada.

O Primeiro Albergue

19ª etapa
Porto / Vilarinho
Segunda, 25 de julho de 2011
Distância a percorrer: 23,5 Km

Hoje, 25 de junho, dia de Santiago!!...

Agora, o animo era outro, finalmente eu estava pegando o caminho de onde quase todos os peregrinos partem, ou seja, do Porto e não de Lisboa, como eu fiz....

Apesar de partirem muitos peregrinos de Porto, este muito, esta absurdamente distante da quantidade de peregrinos que partem de Goiânia para Trindade. Durante todo o trajeto, de 27 km, de Porto até Vilarinho, que é o

trajeto que tracei, encontrei somente três peregrinos.

Em Vilarinho, também não tem albergues nem pensões para dormir, porém tem um clube recreativo que cedeu um quarto com duas beliches para peregrinos. Esta informação me foi passada por uma senhora de um mercadinho do vilarejo de Gião, onde parei para comprar água e lanche e geralmente especular sobre um pouso. Ela me falou, ainda, que a chave deste suposto albergue ficava na farmácia.

No Caminho Você aprende muito isso, viver uma coisa de cada vez, e ser muito paciente e flexível com a possibilidade de mudar de planos a qualquer momento. As pessoas muito metódicas e que se sentem mais seguras com rotinas, tem mais dificuldade de absorver esta aparente imprevisibilidade do caminho.

Nesta etapa, por exemplo, minha meta era dormir em Vilar do Pinheiro, três cidades antes de Vilarinho, porém não havia onde dormir e a partir daí eu saí a procura de um pouso.

Chegando a Vilarinho saí a procura da farmácia em busca, literalmente, da chave dos meus sonhos. Fui até a farmácia, porém estava fechada. Passando pela praça encontrei um casal de peregrinos, franceses, que estavam descansando, para continuar o caminho. Conversamos em

gestos e palavras e falei que pretendia pernoitar por ali mas não tinha conseguido encontrar a chave do suposto albergue. Para minha grande surpresa, ele sacou de um pequeno manual do caminho e o abriu em uma página sobre Vilarinho. Neste manual dele, estava falando sobre este mini albergue (apenas duas beliches) e falava, ainda, que se a chave não estivesse na farmácia, ela estaria no posto de combustível ou no bar em frente ao posto e tinha ainda dois números de telefones, para caso não fosse encontrado as chaves.

Fiquei pasmo! Pois eu que achava que meu manual do caminho, que comprei, via internet, em uma livraria da Espanha, berço do Caminho de Santiago, era o "O" do "Borogodó" do Caminho de Santiago, na verdade ele já estava ultrapassado, pois não constava absolutamente nada sobre isso. Agradei profundamente o casal, fui até o posto, porém estava fechado e depois ao bar onde peguei as chaves dos meus sonhos!

Cerca de duas hora depois, já no albergue, chegou mais um peregrino português e depois mais duas peregrinas do Canadá. Fiz o papel de hospitaleiro e os acolhi. Pronto a lotação do albergue estava completa.

Sr. Manuel

20ª etapa
Vilarinho / Barcelos
Terça, 26 de julho de 2011
Distância a percorrer: 34,5 Km

Este é um trajeto longo, são 32 km, é a prova final para os meus pés que estão se recuperando bem.

Parti bem cedo e logo cruzei uma linha de trem, alias existem bastantes linhas por aqui e em todos os trajetos estou a cruzá-las. Abordo este assunto aqui porque em uma daquelas etapas em que eu estava com o pé enfaixado e tive que deixar de caminhar por sete dias, quando fui pegar um trem tive uma conversa interessante com o "Sr. Manoel", vejam:

...

"... Cheguei em um bar e pedi informação:

- Por favor, onde fica a estação de trem?

- Trem?...

- Sim, estação de trem onde fica? - insisti.

- Não conheço!.. Trem?... Não conheço! - respondeu, ele.

Eu já estava achando que o cara estava me gozando, pois como é possível um cidadão que tem um comércio em uma cidade minúscula, não saber onde fica a estação de trem!?

Aí eu insisti mais uma vez, porém, com mais uma variante:

- Estação de trem, ônibus, bus, autobus... Não sabes?

- Estação do comboio...?! - Disse ele.

- Sim, aquele que corre em trilhos...! - Falei.

- Há sim, sim! Comboio, comboio!! - Respondeu aliviado e me explicou direitinho (Portanto, trem é mesmo um "trem" inventado por brasileiro, aliás, por mineiros e goianos) e Prosseguindo, ele me falou:

- Tiras o bilhete na maquina cá embaixo da estação e depois validas!

- Ok! - Saí confiante, todo sabichão!

Quando cheguei na tal da máquina para tirar o bilhete, comecei a sentir o tamanho da encrenca que ia ser fazer aquela máquina me dar um bilhete para onde eu queria ir. Tinha "trocentos e dez" (traduzindo: Muitos!) buracos de enfiar cartão, moeda, dinheiro em papel e varias listas com " n" roteiros. A coisa funcionava mais ou menos assim:

Você buscava na lista, afixada na máquina, seu destino final, depois olhava em quantas estações passava, cada estação tinha um código e cada código correspondia ao valor daquele trecho. Depois de buscar os códigos de cada trecho, você ia na lista e verificava o valor de cada trecho. Depois você somava o valor destes trechos e encontrava o valor final do bilhete. **Entenderam?... Eu também não, é por isso que eu chamei o "Seu Manoel"!**

Pois bem, depois de muito matutar em frente aquela máquina, eu vi um pequeno botão na máquina, escrito ajuda e já imaginei logo um atendimento tipo aquele de caixa eletrônico de banco que existe no Brasil, onde você aperta uma tecla aqui, outra ali e as instruções vão surgindo na tela, até chegar onde você quer. Ledo engano!

Apertei o botão e fiquei esperando as instruções na tela, porém, a instrução que veio foi uma voz bem forte sonora e masculina, com todo o sotaque português surgindo de dentro daquela máquina diabólica:

- O que queres?- Perguntou a máquina, em alto e bom som. Tomei um tremendo susto pois eu estava esperando uma mensagem na tela e não uma máquina com aquele vozeirão.

No susto, eu já falei quase sem perceber:

- Caracas! Esta máquina fala!...

- **Não é a máquina, é o Manuel! O que queres!?** -

Respondeu a maquina, digo, o Manoel.

- Desculpe Manuel, preciso de um bilhete... - Disse eu, ainda procurando identificar como é que funcionava aquela máquina... Depois de dialogar com a máquina, digo, com Seu Manoel, ele me deu todas as instruções e eu consegui retirar o bilhete daquele maquina. Na realidade havia uma câmara na maquina que era monitorada pelo Manoel que ficava em um determinado ponto da estação monitorando a maquina.

...

Voltando ao caminho: O trajeto de 32 km, foi bastante cansativo, porém, meus pés resistiram bem. Barcelos é uma cidade muito bonita e tem como símbolo, um galo que esta intimamente ligado a história do Caminho de Santiago e esta esculpido em vários tamanhos e expostos por toda a cidade. Alias, existem duas histórias relacionadas ao galos no Caminho de Santiago. Uma história está relacionada a Santo Domingo de Lá Calzada, na Espanha (Vide livro Os Donos do Céu) a outra história esta relacionada a Barcelos em Portugal.

Conta a lenda que por volta do século XII houve um crime grave em Barcelos e não se conseguia encontrar o culpado. Certo dia apareceu um galego (Nascido na Galícia) que foi considerado culpado, apesar do mesmo jurar inocência e dizer que estava de passagem em peregrinação para Santiago de Compostela. **Foi preso e**

condenado a forca, porém sempre jurava inocência. No momento em que ele foi levado diante do juiz para o mesmo decretar a sua pena, o juiz preparava-se para saborear um galo assado.

Novamente jurou sua inocência diante do juiz e disse: "É tão certo que sou inocente como é certo que esse galo cantará quando me enforcarem"... O juiz ignorou o apelo, porém, empurrou o prato para o lado. Na hora em que o Galego estava sendo enforcado, o galo assado ergueu-se da mesa e cantou. Compreendendo seu erro, o juiz correu para a forca e descobriu que o galego se salvara graças a um nó mal feito. O galego foi imediatamente solto e mandado prosseguir seu caminho em paz.

Alguns anos mais tarde o galego voltou a Barcelos e esculpiu o Cruzeiro do Senhor do Galo em louvor a São Thiago, monumento que se encontra no Museu Arqueológico de Barcelos.

Como viram, o Caminho de Santiago, também é cultura!!

Gratidão

21ª etapa
Barcelos / Tamel
Terça, 26 de julho de 2011
Distância a percorrer: 14 Km

Esta é uma etapa curta de apenas 14 km. E por isso optei em caminhar este percurso na parte da tarde e curtir um pouco mais a cidade de Barcelos. Aqui, em Barcelos, reencontrei o casal Frances que me tirou do caminho das pedras naquele encontro narrado na etapa 18. O reencontro com alguém que nos estendeu a mão em um momento difícil é sempre muito emocionante, pois quando nos encontramos em Vilarinho trocamos confidências sobre nossas bolhas e é sempre uma alegria muito grande encontrar aquelas pessoas nas etapas seguintes, pois significa que, apesar das bolhas, apesar da dor, elas

conseguiram superar tudo aquilo e prosseguiram. Portanto, o nosso reencontro, foi pura festa!

O Caminho de Santiago tem a magia, que não existe em nenhum outro lugar. Ele consegue unir pessoas mais diversas. São pessoas:

- Que Você nunca viu antes na vida;
- Que geralmente fala uma língua que você não entende;
- Que você não sabe se é rica ou pobre;
- Que você não sabe se é doutor ou analfabeto;

Não importa, pois a qualquer momento você estará lado a lado com esta pessoa, dormindo no mesmo beliche, comendo no mesmo fogão e dividindo as suas dores. Quase sempre as dores do corpo, às vezes dores da alma.

A magia do Caminho está no fato de que estas pessoas ficam gravadas na sua mente para sempre, e sempre como uma boa lembrança. Como tudo é energia, acredito que as lembranças boas da vida seja um combustível essencial para alimentar nossos sonhos.

Como este percurso é curto, por volta das 15:00h eu já estava no albergue. Apesar de já estar 3 etapas depois de Porto, eu ainda não havia encontrado nenhum brasileiro, porém por volta das 21:00h, tive o prazer de conhecer o Gaucho Alexandre.

Estava eu, já preparando para dormir, quando o hospitaleiro, **chegou ao andar de cima, onde fica o dormitório, literalmente arrastando o Alexandre e nós apresentou.** Ele havia iniciado o caminho de Porto e estava chegando, hoje, de São Pedro de Rates que fica a 36 Km, portanto o seu cansaço estava explicado. Conversamos bastante ele confessou que estava morrendo de fome e naquela hora já não havia mais nada aberto, mesmo porque em Tamel, o mercado mais próximo fechou as 19:00h e ficava a quase 1 km. Porém eu tinha ido ao mercado e pela primeira vez havia comprado umas coisas em excesso, como se adivinhasse que alguém iria precisar daqueles alimentos.

Eu tinha comprado a mais: Um pacote com seis mini pães, uma lata de sardinha e uma coca-cola. Foi à salvação do Alexandre, ele devorou tudo! No dia seguinte eu ia partir as 06:00h e o Alexandre as 08:00h. Ficamos de nos encontrar nas próximas etapas. Veremos.

Cidadania

22ª etapa
Tamel / Ponte de Lima
Quarta, 27 de julho de 2011
Distância a percorrer: 27 Km

Parti bem cedo e o amigo Alexandre ficou dormindo para recuperar-se um pouco mais.

Em Tamel, assim como em vários vilarejos que percorri por este Caminho, sempre está presente lições de Cidadania. No albergue de Tamel tinha um pequeno cesto cheio de pães e brioques, com o preço em uma etiqueta e um porta moeda ao lado.

Não existe ninguém tomando conta deste cesto e nem do porta moedas, é você que escolhe o que quer, faz as contas de quanto deu e coloca as moedas no porta moeda. Se você quiser dar uma de "esperto", como se diz no Brasil, fique a vontade com sua esperteza. Não sei se você conseguirá ficar a vontade com sua consciência!!

As poucos a nova pele dos meus pés vai engrossando e me dando mais segurança de que as bolhas não mais aparecerão. O novo tênis que substituiu as botas desde a etapa 12 me trouxe muita segurança, pois o seu conforto aos pés é muito grande.

A Senhora Dor, minha velha Companheira de viagem do caminho Francês, que fiz em 2006 e que visitava o meu ombro esquerdo em quase todas as etapas daquele caminho, ainda não me visitou neste caminho e espero que não apareça, pois acho que já paguei minha cota de dores neste caminho.

Cheguei bem cedo em Ponte de Lima, por volta das 13:00h., por sinal uma bela cidade as margens de um grande rio.

Porém encontrei aqui uma pedra no caminho: O albergue abre somente as 17:00h., diferente de todos os

albergues do Caminho que abrem entre 12 e 14 horas. Abro aqui um parêntese para explicar como funcionam os albergues do caminho, extraindo esta explicação do meu Livro Os Donos do Céu:

...

Alberque: local onde se hospedam os peregrinos.

Quase todas as cidades do Caminho possuem um ou mais desses albergues. Abrem, para acolher os peregrinos, geralmente entre 12 e 14 horas e fecham entre 21 e 22 horas. Ou seja, até esse horário, todos os peregrinos já devem estar recolhidos para dormir. No dia seguinte, a partir das 4 horas da manhã, os peregrinos começam a deixar o albergue e pegar o caminho. Até as 8 horas todos devem partir, quando, então, o albergue fecha para limpeza, a fim de receber o próximo grupo de peregrinos. Existem basicamente quatro tipos de albergues: o da prefeitura, o da igreja, o da Associação dos Amigos do Caminho de Santiago e o particular. Para se hospedar nesses albergues é necessário comprovar, por meio da Credencial do Peregrino, que você está trilhando o Caminho. O preço varia de um donativo (qualquer valor) a até 7 euros

Hospitaleiro: pessoa responsável pelo albergue seja ele particular, municipal ou de congregações religiosas. Geralmente são voluntários que se revezam por um determinado período.

...

Como o responsável pelo albergue é o hospitaleiro. Ele é que decide a que horas irá abrir o albergue, neste caso, este hospitaleiro de Ponte de Lima, achou por bem abrir o albergue às 17 horas, o que demonstra uma total falta de sintonia com o peregrino. Eu costumo dizer que falta ternura a este cidadão, que deixa o peregrino, já exausto, louco por um banho, esperar por 4 a 5 horas em sua porta.

Existe um ditado encontrado no mural de vários albergues, que diz o seguinte: "O turista exige, o peregrino agradece!"

A frase tem um sentido lógico e o peregrino realmente sempre agradece, porém alguns hospitaleiros acham que o peregrino deve aceitar tudo e sujeitar-se a tudo sempre calado e agradecendo.

Neste caso, como cheguei às 13 horas eu teria que aguardar quatro horas na porta do albergue, preferi procurar uma pensão, e foi o que fiz.

Quando fiz o caminho Francês em 2006, também encontrei um hospitaleiro como esse de Ponte de Lima, veja abaixo trecho do Livro Os Donos do Céu, onde narro

esta falta de ternura de alguns hospitaleiros, deixando claro, que eles são exceção.

...

... E para complicar, fui discriminado quando propus ajudar o albergue, oferecendo os travesseiros para as camas. O hospitaleiro, um grandalhão, figurino a “la Hitler”, sentiu-se ofendido, e me mostrou uma cartilha – que eu já conhecia – utilizada por todos os albergues ligados à igreja, onde uma das regras, enumeradas na contracapa, diz: “O turista exige, o peregrino agradece”, dessa forma eles acham que o peregrino deve sempre agradecer, independente do tratamento que receba e, como quase todos seguem essa regra à risca, fica explicado o espanto do hospitaleiro.

Tentei lhe dizer que em momento algum eu exigi nada, e que, se a falta de travesseiros, se devesse à falta de doadores, eu estava pronto a fazer essa doação. Perguntei o nome da madre superiora e disse que queria falar com ela. Ele não gostou, mas falou com ela e agendou uma conversa antes da novena “mecânica”.

Uns 15 minutos antes da novena, eu já estava de plantão no local combinado. Para minha surpresa, a madre superiora era justamente a madre que conduzia a missa “mecânica”.

– Então é você que quer doar os travesseiros? – disse ela.

– Sim, sou eu. Como posso fazer essa doação?

– Infelizmente não podemos aceitar sua doação, pois nós já temos os travesseiros, mas os retiramos, pois dá muito trabalho para lavar. Decidimos não mais colocar travesseiros.

– Ok, gracias – respondi. Eu já imaginava que a falta de travesseiros não estava relacionada à falta de dinheiro, mas sim à falta de ternura. Que saudade de Bercianos! – suspirei.

(...)

Aproveitei o bom espaço do quarto desta pensão para lavar minhas roupas e descansar mais tranqüilo. Não consegui encontrar o Alexandre, ele deve ter chegado mais tarde e ido para o albergue.

Serra da Labruja

23ª etapa
Ponte de Lima / Rubiães
Quinta, 28 de julho de 2011
Distância a percorrer: 21 Km

Esta é a última etapa em que a paz nos albergues ainda existe. oportunamente explico o porquê. Esta é, também, a etapa mais temida do Caminho Português e o clima entre os peregrinos é muito parecido com o clima que encontrei cinco anos atrás, no caminho Francês no trecho

entre Vega de Valcarce e Fonfria, vide fragmento do Livro Os Donos do Céu, pag.152/153...

(...) Tive um susto quando me deparei com uma enorme fila de mochilas deixadas pelos peregrinos para serem levadas de carro. Pensei comigo: “será que esse trecho é tão complicado assim mesmo?” Este é o trecho do “O Cebreiro”, que marca a entrada no estado da Galícia e também o fim da longa subida de mais de 12 quilômetros. Após Laguna de Castilla, penetramos na Galícia e nos deparamos com o marco divisório dos dois estados, que fica no topo da montanha a 1.300 m de altitude. Galícia é um estado muito politizado. Encontramos várias pichações pregando liberdade ao estado da Galícia. O governo da Galícia, em protesto contra o governo central, baniu a letra “J” do seu alfabeto e a substituiu por “X”, pois a letra “J” é a mais utilizada no alfabeto da Espanha. O interessante é que não é um protesto apenas informal, ele é oficial. Nas placas das obras do governo da Galícia e tudo mais que seja responsabilidade do Estado, a letra “J” não existe. “E viva Galícia!!!”, pensei no meu amigo Vitor. A caminhada não assustou o meu corpo, já preparado por mais de 500 quilômetros. Foi fácil. Senti muito pouca dificuldade e consegui caminhar tão bem quanto os peregrinos sem mochilas (...)

Como disse, o clima era muito parecido, pois desde o albergue de Tamel que já havia cartazes afixados Oferecendo o serviço de transporte por veículos para levar

as mochilas neste trecho a um euro por mochila, por km rodado, ou seja, como este trecho tem cerca de 20 km, seria a bagatela de 20 euros para tirar este peso das costas. Ocorre que o problema não é o preço e sim a consciência, pois quando você chega em Santiago que protocola sua compostelana para pegar o “Diploma” de peregrino, você é inquirido a responder se caminhou no mínimo 100 km a pé e carregando os seus pertences e não fica bem você mentir para o Thiaguim.

Neste trecho fica a Serra da Labruja que todo peregrino do Caminho Português jamais esquece. Existe um trecho super íngreme de 3.700 metros, que é pura pedra e em vários momentos você se vê caminhando de quatro... sem exagero! O percurso máximo que você consegue fazer sem parar para descansar é uns 200 metros. **Em condições de caminhada normal eu consigo caminhar a média de 5 km por hora, neste trecho de 3.700 metros eu gastei três horas para vencê-lo.**

Finalmente, por volta das 15:00h, cheguei ao albergue de Rubiões que fica um pouco afastado do vilarejo e em um local bem no alto. Ele já estava aberto desde as 13:00h. Estive conversando com o hospitaleiro sobre o horário de abertura do albergue de Nova Lima (17:00h) e ele confirmou que o Hospitaleiro é que decide que hora vai abrir o albergue, portanto, somente há um

motivo para aquele hospitaleiro abrir tão tarde: Falta de ternura!

Depois de tomar um banho a necessidade de comer é sempre urgente, ainda mais depois de uma Serra da Labruja em seu caminho. Ocorre que o único mercadinho que existe e onde você pode encontrar algo para comer, fica a cerca de 1 km morro a abaixo. Ir até lá depois uma Serra da Labruja até que não é problema, o problema será voltar. Porém havia uma enorme luta entre meu cansaço e minha fome. **Uma hora minha fome vencia e eu me animava, porém logo meu cansaço revidava e minha fome encolhia.**

No final a fome sempre vence! Desci o ladeirão de 1 km e fui ao mercado. Mas como eu sempre digo, meu Amigo lá de cima vive colocando anjos no meu caminho. **Depois de comprar os mantimentos, ao sair à porta do mercado, já imaginando aquele ladeirão pra eu enfrentar e depois de uma Serra da Labruja, olha só!! Dou de cara com uma Toyota, parada no outro lado da pista, com um anjo de nome Sandra no seu comando.**

Atravessei a pista e pedi uma carona. Ela abriu um sorriso tão acolhedor que não precisou dizer que sim, nem que não, o seu sorriso dizia tudo! Durante este pequeno trajeto conversamos muito e suas palavras foram mais do que suficientes para fazer eu esquecer a Serra da Labruja.

Vejam como são as coisas, saí em busca do alimento para o corpo e voltei com minha alma saciada.

O Casamento

24ª etapa
Rubiães / Tuí
Sexta, 29 de julho de 2011
Distância a percorrer: 20 Km

Como disse na etapa anterior, a partir de Tuí, a paz nos albergues não existe mais e explico o porquê. O primeiro motivo é que Tuí já fica em território espanhol. De um lado do rio Minho fica Valença do Minho, em território português e do outro lado fica Tuí. Apenas uma ponte separam as duas cidades e não existe nenhuma barreira, vistoria ou alfândega em nenhum dos lados, basta atravessar a ponte e entrar no país vizinho.

Como Tuí já está em território espanhol, onde a tradição do Caminho de Santiago é mais forte, geralmente

existem mais albergues nestes trajetos. A partir de Tuí, o caminho se transforma. O caminho não é mais somente dos peregrinos, é também dos turistas e dos mochileiros de final de semana. Isso ocorre por dois motivos principais.

O primeiro porque estamos apenas a 111 Km de Santiago e já dentro da Espanha, onde as trilhas do caminho são mais cuidadas e suaves. Em segundo, porque a igreja de Santiago considera que todo aquele que percorre mais de 100 Km é um peregrino e tem direito à Compostelana, além de ter seu nome inscrito no livro dos peregrinos.

Isso explica a quantidade enorme de peregrinos a partir deste ponto e a dificuldade dos peregrinos de longo percurso, como eu, conseguir abrigo nos albergues. Os Hospitaleiros dos albergues até que tentam, sem sucesso, minimizar esse impacto, impondo restrições aos peregrinos que estão começando o caminho e dando prioridade de acolhimento àqueles peregrinos que vêm de mais longe. A partir desse ponto do caminho, a maioria das cidades possui, além dos albergues, vários hotéis que, apesar do preço alto, absorvem aqueles peregrinos retardatários que dificilmente encontrarão vaga em um albergue, mesmo que venham de muito longe.

Voltemos ao Caminho. Percorrer esta etapa até que foi fácil, o difícil foi encontrar o albergue em Tuí.

Geralmente as setas do caminho te levam até a porta do Albergue, e em Tuí não era diferente, porém, tinha um casamento no meio do caminho, no meio do caminho tinha um casamento... Este casamento me desviou do caminho do descanso e me levou, literalmente, para o caminho das pedras.

Vinha eu todo contente, por estar terminando este percurso e já dentro de Tuí, sonhando com um banho e uma cama macia e seguindo atentamente as setas amarelas que me levava por ruelas e becos. De repente, depois de uma ruela e uma curva de 90 graus, que as setas amarelas mandaram eu fazer, dei de cara com uma enorme igreja, de onde estava acabando de sair um casal de noivos, ou melhor, ex-noivos, seguidos de uma enorme procissão de gente, com os homens todos empalitzados e as mulheres numa chiqueza extrema.

Eu, todo suado, com uma enorme mochila nas costas, contrastava de maneira absurda com aquela cena. Porém, acho que o susto deles foi maior do que o meu, pois a cara de espanto do casal nubente, dos padrinhos e dos fotógrafos diziam isso. Mas, tudo que eu queria era seguir a seta amarela, que indicava para a entrada da igreja e encontrar o meu albergue. Com muito custo consegui atravessar aquela multidão e cheguei até o pátio da igreja, porém não encontrei seta alguma. Caracas! Pensei comigo: Será que eu me enganei com a seta

anterior!?

Voltei até a seta anterior e ela mandava, realmente para a porta da igreja! Caracas de novo! Pensei comigo: Esta outra seta talvez seja depois da igreja, vou checar. Voltei, passei em frente da igreja, desta vez sem atrapalhar os fotógrafos, e logo depois da igreja avistei uma seta amarela. Ufa! Pensei comigo: Agora eu encontro este albergue! Ledo engano!

Fui seguindo as setas amarelas e depois de umas três quadras avistei, todo feliz, uma placa, indicando uma rua à esquerda, escrito: “Albergue de Peregrinos” (escrito em letras garrafais) e **escrito em letras microscópicas, logo abaixo: “Turístico”, traduzindo este tipo de albergue, não é albergue e sim, pensão particular que cobra entre 20 a 30 euros por pouso, enquanto em todos os albergues (Agora praticamente tabelaram) cobram 5 euros.**

Segui em frente guiado pelas setas amarelas. Depois de caminhar cerca de 1 km eu já comecei achar estranho. Perguntei a um casal de jovens, que vinha em sentido contrário, se eles sabiam onde era o albergue de peregrinos e eles me responderam que não sabiam pois moravam em de Madri e estavam ali de passeio, mas achavam que era pra frente. Segui em Frente!... Desconfiado!

Depois de caminhar mais um bocado, de repente, a cidade acabou e somente havia uma longa trilha já adentrando a zona rural. Voltei!

Aí voltei especulando pra todo mundo que encontrava, onde ficava este albergue. Depois da terceira especulada, uma velhinha fez questão de me acompanhar, ou melhor, eu acompanhá-la até a porta do albergue, pois ela estava indo na casa da filha e passava na porta do albergue!

E sabem onde era o Albergue?! Numa ruela de escadaria no canto da igreja. Havia mais uma seta, na outra lateral da igreja, e que eu não consegui encontrar por culpa do casamento que encontrei no meio do meu caminho. A seta que eu havia seguido, erradamente estava, na realidade, depois do albergue! Caracas, este negocio de casamento as vezes leva a gente para o mato!!

Dicas do caminho

25ª etapa
Tuí / Redondela
Sábado, 30 de julho de 2011
Distância a percorrer: 36 Km

Como disse na etapa anterior, o albergue estava cheio muito cheio mas consegui uma vaga. Depois de uma noite de descanso, bem cedo, por volta das 06:00h da manhã, já era grande o movimento de peregrinos partindo para o caminho. O engraçado é que depois de mais de 500 km na estrada, você fica com olhar apurado e percebe, com facilidade, inúmeras coisas erradas nos peregrinos que estão iniciando, como por exemplo: Mochila muito pesada, acessórios nos cintos e nos bolsos, cantil atrás na mochila e não na frente, amarração incorreta da mochila no quadril, mochila com depósito de água embutido de três

litros e etc... Explico o que cada um destes erros pode causar:

- 1) Mochila muito pesada: Vai te cansar muito mais e dificultar sua caminhada, cada grama a mais exigirá um esforço maior. O peso total da sua mochila não deve ultrapassar 10% do seu peso corporal. Os apetrechos ideais, e foram os que levei, é o seguinte:
 - 2 bermudas e 1 calça que transforma em bermuda;
 - 3 camisetas e uma blusa de frio muito leve;
 - 3 cuecas e 3 pares de meia especial;
 - 1 micro toalha especial (do tamanho de 2 folhas A4);
 - 1 sabonete pequeno e um protetor solar pequeno;
 - 1 cantil de 500 ml e 1 maquina fotográfica;
 - 1 escova de dente e uma mini pasta.
 - 1 saco de dormir e 1 chinela crocs (doei no caminho – é muito quente)

- 2) Acessórios nos cintos e bolsos: Durante a caminhada atrapalha, e muito, o seu ritmo, pois a cada momento você tem que estar ajeitando algum destes apetrechos;

- 3) Cantil atrás na mochila e não na frente: Você acaba bebendo muito menos água, pois sempre que quiser beber água é preciso parar e descer a mochila para ter acesso ao cantil;

- 4) Amarração incorreta da mochila no quadril: Todo o peso da

mochila deve ficar no quadril e nenhum sobre os ombros. A função dos ombros é apenas de suporte para a mochila não “dançar” durante a caminhada. Portanto, a cinta da mochila que prende ao quadril deve ser bem justa e firme.

- 5) Mochila com depósito de água embutido de três litros: Existem vários modelos de mochilas (indicada para grandes distâncias em áreas desertas) que vêm com uma bolsa interna e de dentro desta bolsa sai uma mangueira que fica próxima a face da pessoa, que quando sente sede, suga esta água. É muito prática, mas nada inteligente colocar três litro de água nesta mochila neste caminho, pois a cada 3 a 4 km existem vilarejos com água a vontade, ou seja, você estará carregando um peso extra sem necessidade.
- 6) Etc: Levar alimentos em excesso e outras coisas, não lembradas no momento...

Apesar do albergue completamente lotado, olhei de manhã no livro de mensagens e não tinha nenhum brasileiro, somente eu. O livro de mensagens é um caderno, capa dura, que tem em todos os albergues, onde o peregrino pode deixar a sua mensagem como bem entender, ele pode:

- Agradecer,
- Deixar recado para outro peregrino que esta para trás,
- Reclamar,
- Escrever uma poesia,

- Fazer um desenho,
- Declarar uma paixão,
- Fazer uma partitura (como vi no albergue de Rubiões)
- ...

Esta foi uma etapa bem doída, o percurso de 30 km, pareceu ter bem mais do que isso. Alguns peregrinos afirmam, categoricamente, que eles colocam uma quilometragem menor nos mapas do caminho para não descrençar os peregrinos e eu já estou me filiando a esta corrente.

Uma coisa que, às vezes irrita o peregrino, é a tal da ponte romana e estradas romana. Explico: Às vezes você vai por uma trilha já muito cansado e as setas te desviam até 2 a 3 km, para que você passe por estas pontes ou calçadas, e olha que existem centenas pelo caminho. Como você não conhece nada, nunca passou por ali, você segue fielmente as setas amarelas. **Porém, depois de passar por tantas pontes e tantas estradas, feitas pelo romanos, a mais de dois mil anos, de uma coisa eu tenho certeza, se nossas pontes e estradas fossem feitas pelos romanos elas durariam bem mais!!**

A uns 10 km antes de chegar a Rendondela, bem do alto da montanha onde fica a trilha do caminho, eu avistei o mar pela primeira vez desde que sai de Lisboa. **É uma vista escandalosamente bela! Foi também neste**

percurso que fiz amizade com o espanhol Santos, da região de La Rioja, lugar dos melhores vinhos da Espanha e por coincidência ele é Diretor de uma grande vinícola daquela região, a Vinícola Marques de Cáceres, que tem entre seus rótulos o conhecido vinho “Crianza”.

Ao chegar ao Albergue, veja só! Finalmente encontrei dois brasileiros no albergue. O Sr. Aluizio e o filho, de Natal/RN, porém os detalhes deste grande encontro fica para amanhã!...

O encontro

26ª etapa
Redondela / Pontevedra
Domingo, 31 de julho de 2011
Distância a percorrer: 22 Km

O encontro com o Sr. Aloizio Monteiro e o filho é uma das bênçãos que o Caminho proporciona a alguns peregrinos. Os encontrei na porta do albergue, na fila, para dar entrada no albergue. Fui alertado da presença dos brasileiros pelo amigo Carlos Pintassilgo, pai do António (com acento agudo mesmo) de 11 anos e esposo da Nélia, todos portugueses de Arcobaça, cidade próxima ao Santuário de Fátima.

O Sr. Aloizio é Engenheiro Eletricista de profissão e Advogado por opção. É estudioso da religião, usando a

lógica como método e está prestes a lançar um livro sobre o assunto. Ele e o filho iniciaram o caminho em Tuí, uma etapa atrás e até Santiago irá caminhar cerca de 111 km. Chegaram ao albergue no limite do cansaço. O Sr. Aloizio tinha uma grande bolha em um dos pés idêntica a que eu tive no início do caminho e que as “malditas borrachinhas” fez com que eu ficasse sete dias de molho.

Aproveitei todo meu conhecimento e apetrechos (linha, agulha, iodo, gase especial, tesoura) e transmiti tudo para o Seu Aloizio. Ajudei-o a tratar da bolha e ele falava que eu tinha doutorado em bolhas tão vasto era meu conhecimento e meus apetrechos. Depois de dar um trato na bolha dele saímos para comer algo e conversamos por longas horas.

Contou-me da batalha que teve para vencer um câncer quando poucos acreditavam na sua recuperação. Usou principalmente de algo que todo ser humano tem, mas poucos acreditam ter: A fé, não aquela fé platônica de que alguém lá de cima vai resolver tudo enquanto você se lamenta e se acha injustiçado, mas a fé em você mesmo e na vontade sincera e profunda de viver!
Foi uma longa e bela conversa com Seu Aloizio.

Coisas do caminho.

Aproveito que estou falando em encontros, para

registrar a grande alegria que me proporcionou a família Pintassilgo: O amigo garoto António, o amigo Carlos e a amiga Nélia. Caminhamos várias etapas lado a lado e diminui o passo por longas trilhas somente para ter o prazer de conversar longamente com o garoto António, que com 11 anos já é veterano do caminho. Conversamos sobre tudo. A maior curiosidade dele era sobre o Brasil, aliás, ele sabia muito para um garoto de 11 anos, a minha maior curiosidade era sobre os detalhes do ensino em Portugal e o dia a dia da escola.

É publico e notório a catástrofe que é o ensino no Brasil, onde estamos sempre entre os piores avaliados. **3 entre 4 brasileiros são analfabetos funcionais**, ou seja, estes analfabetos funcionais são oficialmente alfabetizados, mas na realidade não tem capacidade de ler e entender um pequeno texto. São aqueles que são engabelados em todas as eleições justamente por não ter discernimento para distinguir a diferença entre um Sarney e uma Madre Tereza de Calcutá.

Por outro lado somos um dos poucos países do mundo, senão o único, onde um professor ganha, em média, 20% do que ganha um ascensorista de elevador dos gabinetes de Brasília. Onde, em termos absolutos, o Estado paga 80 centavos para educar as crianças, 1 real e 40 centavos para cuidar da saúde de um cidadão e 14 reais para prender o cidadão. Traduzindo: Um estado que opta

por pagar, em média R\$800,00 de salário para um professor, R\$1.400,00 de salário para um médico e R\$ 14.000,00 para um delegado, não pode ser um país sério. **Traduzindo ainda mais: Um estado que opta por pagar 18 vezes mais a um delegado do que a um professor, 10 vezes mais a um delegado do que a um médico, não pode estar no caminho certo.**

A educação é caso de segurança nacional. E enquanto não for tratada como tal, teremos ainda, várias gerações a esperar o tão sonhado país do futuro. O problema do Brasil não são os políticos e sim a estrutura montada por eles. Porém toda esta indignação sem ação não vale absolutamente nada.

Nossa ONG – Agentes Voluntários do Brasil (<http://www.avbbrasil.org.br>.) já enviou para vários políticos uma proposta de projeto de Lei que poderia revolucionar o ensino básico no Brasil. A Proposta consiste em tornar inelegível por oito anos, todo o executivo, legislativo e os integrantes dos cargos de confiança dos municípios que ficassem entre os 5% das piores notas do IDEB (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica). Com isso, você atinge aqueles que deveriam cuidar da educação e não cuidam, pois a única linguagem que o político entende é essa: A ameaça do seu cargo.

Voltemos ao caminho. Pela sua sutileza e beleza,

faço questão de colocar aqui uma poesia que o António de 11 anos, meu companheiro do caminho fez. Vejam só:

*Que bela estação... O verão.
O sol aquece a alma.
O calor é brasa no coração.
O verão é luz, é tocha, é chama.*

*O António todo estiloso sai do café
Saca dos seus óculos de borboleta.
Respirando e transpirando água pé.
Arranca na velha motorreta.*

*E viva o verão.
E viva o calor...
Tem no pensamento a sua Antonieta,
Quer com ela seu amor.*

*Sempre a abrir, sempre a andar.
Estão a delirar,
Estão nas nuvens
Já não há curva nem curveta.*

*Bem agarradinha.
Não quer que ela caia
Quero-a inteirinha
Quando chegar à praia.*

*Sempre a andar, sempre a abrir.
Ela rouba-lhe um beijo a fugir. O
azar, o grande azar
Já está a moto de pernas para o ar.*

Os escoteiros

27ª etapa
Pontevedra / Briallós
Segunda, 1 de Agosto de 2011
Distância a percorrer: 22 Km

Pontevedra, bela cidade! É difícil traduzir a beleza da maioria das cidades de tamanho médio, por onde passei. O fato de iniciar a Caminhada tão cedo me dava à oportunidade de chegar ao destino seguinte quase sempre entre 12 e 14 horas, de modo que eu sempre tinha um Período de umas 8 a 10 horas, até ao anoitecer, para explorar a cidade.

Cidades como Barcelos, Ponte de Lima, Valença do Minho, Tui e Redondela todas com mais de 500 anos, são incrivelmente aconchegantes e

escandalosamente belas! Estas cidades possuem população média abaixo de 50 mil habitantes, o que lhes dão um ar interiorano. Flores em abundancia e praças milenares fazem parte do cenário destas cidades.

Como sempre, parti bem cedo e deixei pra trás o Seu Aloizio e o filho ainda dormindo, ou melhor, recuperando-se da etapa anterior. A família Pintassilgo já estava saindo do albergue, quando levantei. Combinamos de encontrar logo mais, pois o meu ritmo era um pouco mais rápido além de estar caminhando sozinho e ele com a família.

Depois de 2 horas de caminhada reencontrei a família Pintassilgo e a partir dali caminhei, novamente, uma longa etapa conversando com o António, o garoto de 11 anos. Falamos sobre o escoteirismo, ele é escoteiro, alias praticamente todas as crianças e adolescentes da Europa vivem esta experiência em sua vida, que em minha opinião, deveria ser disciplina obrigatória em todas as escolas de primeiro grau do Brasil.

A quantidade de vezes, durante minha caminhada, que eu me deparei com grupos de escoteiros realizando atividades recreativas foi quase rotineiro. Era raro o dia em que eu não cruzava com estes grupos de escoteiros, acampando, visitando monumentos, aprendendo cidadania, historia e principalmente, experiência de vida.

Conversamos sobre os sonhos do António! Falei sobre a Universidade de Coimbra, que eu tive a oportunidade de conhecer e também carimbar minha compostelana com o selo desta Universidade, quando estive me recuperando dos pés (etapas 9 a 11). Não tem como não se emocionar visitando esta Universidade. Berço do nosso Direito, fundada em 1.288, isso mesmo a mais de 700 anos.

A Universidade possui mais de 22 mil alunos de 63 nacionalidades diferentes e forma mais de 1.200 doutores por ano. Falei tudo isso para o António e mais as coisas que vi dentro da Universidade e já senti os olhos dele brilharem de forma diferente já alimentando o sonho de estudar em Coimbra. Com toda sua desenvoltura para escrever, conversar e até poetar, não tenho dúvida que, seja qual for o seu sonho, ele o atingirá, com certeza!

Depois desta longa caminhada dissertando com António, despedi dele, do Carlos, seu pai e da Sua Mãe, Nélia e voltei ao caminho com minhas passadas mais longas.

O meu roteiro que eu já havia previamente definido, era ficar em Briallos, uma minúscula vila e com o albergue um pouco afastado. Devido a isso, quase ninguém opta por ficar por aqui e quase todos partem para a próxima cidade.

Desde a etapa anterior que eu vinha caminhando em paralelo com um grupo de 13 adolescentes escoteiros, que por ser um grupo, os albergues geralmente os rejeitam e eles acabam sendo jogados para os chamados ginásios, onde as quadras se tornam abrigo com colchões jogados ao chão. (vide pág. 87 a 101 do Livro Os Donos do céu).

Quando cheguei ao albergue não havia mais ninguém a não ser o grupo de escoteiros. **Enquanto aguardávamos a hospitaleira chegar para abrir o albergue começamos a nós entrosar e eles me convidaram para almoçar com eles, pois fora eles, restava só eu no albergue.** Eles vinham de Tuí, três etapas atrás, e quando falei que vinha de Lisboa, foi um oh!!! Geral... Eram quatro rapazes e nove raparigas (moças).

Como aceitei o convite para me integrar ao grupo deles nos afazeres do almoço e do jantar, mais tarde, saímos os homens para procurar o mercado da vila e comprar os mantimentos, antes passamos numa quinta (chácara), próxima ao albergue, para tomar uma panela grande emprestada.

Olha foi uma experiência surpreendente conviver toda a tarde e a noite com esta turma de jovens escoteiros. Aprendi muito!

Falamos sobre isto depois.

As desertoras

28ª etapa
Briallos / Padron
Terça, 2 de Agosto de 2011
Distância a percorrer: 22 Km

Ainda em Briallos, no albergue com os escoteiros, eu estava sempre conversando com um e outro. É curioso como eles interagem: chegam puxam conversa fazem perguntas falam de seus sonhos e suas coisas. O Marcelo, 16 anos foi com quem mais conversei. Tem uma banda de garagem, toca guitarra e estava fazendo o caminho por castigo.

- Castigo!? – perguntei eu sem entender.

- Sim! Minha mãe estava brava comigo e me obrigou, como castigo, fazer o Caminho. – Disse ele.

Caracas! Pensei eu. Eu já vi mil motivos para as pessoas fazerem o Caminho de Santiago, dentre eles: Esquecer ou encontrar um amor, pagar uma promessa, encontrar o seu “eu”, fazer turismo, despedida de solteiro (Caso do gaúcho Alexandre, por exemplo), período sabático e etc. Porém, fazer o Caminho por castigo de mãe, como é o caso do Marcelo, eu nunca tinha visto.

Marcelo me explicou:

- Aqui em Portugal, nas festas de São João, é tradição os jovens saírem e roubarem pequenos objetos dos jardins das casas (vasos, cadeiras, bancos). Estes objetos são deixados na praça da cidade e no dia seguinte as pessoas que foram “roubadas” saem em busca dos seus pertences. – Disse ele.

- E o que deu de errado com o “roubo” de vocês? – Perguntei.

- Nós “roubamos” umas cadeiras de madeira, porém choveu e estragou as cadeiras e descobriram que tinha sido nós (eu e mais dois amigos), aí então, minha mãe me enviou pra cá, como castigo! – Respondeu ele.

Coisas do caminho!

Almoçamos por volta das 16:00h, e as 22:00 jantamos, pois como não há mais ninguém no albergue a hospitaleira deixou tudo por nossa conta.

Parti bem cedo e deixei todos ainda dormindo.

Padron faz parte das mais belas cidades que já conheci. Reencontrei aqui a família Pintassilgo.

O Gaucho Alexandre, que encontrei em Tamel, quatro etapas atrás e que, desde então, vem fugindo de mim, talvez para não pagar os meus pães que ele comeu tudo, não tive mais notícias no Caminho, porém recebi uma postagem dele, no meu blog, onde ele diz que já chegou a Santiago desde ontem e pedindo para corrigir o que escrevi na etapa 20, quando disse que ele havia caminhado 36 km, pois na realidade ele havia partido de Vilarinho e não São Pedro de Rates, o que dá uma caminhada de 52 km (Ufa, ufa, ufa!!).

Reclamou ainda, de um ARGENTINO que conheceu em Tamel, que roncou a noite inteira e não o deixou dormir, cujo nome começa com “V” e termina com “DIR”. Porém eu acho que isso é desculpa dele para não pagar o lanche que ele ficou me devendo (rs, rs, rs!!). Abraços, gaucho maluco!!

Há umas quatro etapas que venho querendo escrever sobre este assunto que vou abordar agora,

porém como o mesmo é muito dolorido, fui postergando, deixando para depois, entretanto, o caminho esta chegando ao fim...

Quando duas pessoas são muito unidas, amigas, cúmplices, quase inseparáveis, costuma se dizer que são “carne com a unha”, entretanto a coisa não é bem assim, às vezes você não pode confiar nem na carne nem na unha. Explico: Veja abaixo trecho do que escrevi na etapa dois.

(..) Pois bem, tive a brilhante idéia de colocar as palmilhas dentro das botas, pois como elas eram bastantes macias, com certeza diminuiriam o impacto do pé no chão e conseqüentemente agrediria menos a bolha. Foi o que fiz.

Após os primeiros 100 passos percebi que eu havia resolvido em parte o problema da bolha, mas tinha criado outro grande problema: Com a palmilha dentro da bota, as unhas dos meus dedos ficaram pressionados sobre a parte de cima da bota e indicavam que iriam doer e se ferir e ainda faltavam 10 km para o meu destino programado no dia.

Aí estava o lema: Retirar as palmilhas e sacrificar ainda mais o local da ferida da bolha que poderia sangrar e infeccionar ou deixar a palmilha e sacrificar as unhas dos dedos? Resolvi postergar(...)

(...) Deixando a filosofia de lado, voltemos a minha bolha: Eu estava ali diante de um problema que exigia uma solução, e

qualquer que fosse a solução o sacrifício existiria. Guardada as devidas e imensas proporções, lembrei do filme a Escolha de Sofia.

Porem, como a necessidade é a mãe da criação, pensei numa solução: E se eu cortasse a parte da frente da palmilha? Com isso os dedos ficariam na sua altura correta e talvez não pressionassem a unhas? Já dentro da cidade de Vila Franca de Xira, na avenida que corta a cidade, sai de porta em porta, a procura de uma tesoura para cortar a palmilha (...)

Não encontrei tesoura para comprar, mas encontrei uma bondosa senhora, que após ouvir minha súplica, teve a coragem de pegar aquelas palmilhas, já molhadas de suor e com um cheiro não muito suave, e cortá-las. Coloquei nos pés a nova palmilha, e senti que iria funcionar: A pressão nos dedos já não existia (...)

Voltemos ao caminho. Pois bem, por volta da etapa 15, os efeitos da decisão tomada na etapa 2, começou a aparecer. No pé direito, 3 unhas incluindo a do dedão, estavam deserdando e se preparando para deixar-me. No pé esquerdo, 2 unhas, incluindo, também, a do dedão seguiam o mesmo caminho: A deserção.

Tentei de todas as maneiras, conter a rebelião. Em Vão. Uma de cada pé já me deixou e três estão no mesmo caminho. De minha parte, que sou carne, não tem mais acordo, que partam!!

Durante o período de quase dez dias em que tentava convencer as unhas rebeldes a não me deixarem, sempre me lembrava de um diálogo, bem humorado, que eu e meu amigo Denyde usava nestas horas de “apuros”. Geralmente eu dizia:

- O pega pra capar tá bravo!! (Alguém já viu como "castra" porco? A expressão nasceu daí)
- Uma hora eles pegam e capa mesmo! – Dizia, ele. Esta expressão significa que o pior podia acontecer. Neste caso, as unhas podiam cair.

O Denyde, companheiro de adolescência, era o humor em pessoa (Partiu de encontro ao meu Amigo lá cima em Setembro/90). Porém, o seu humor era um humor as “avessas”, ou seja, o prejudicado, o palhaço da historia era sempre ele. Dizem que existem o humor normal, o humor negro o humor isso e aquilo. Entretanto, o único humor as “avessas” que eu já conheci, foi o dele. Dou dois exemplos:

(...)

1. Estudávamos no mesmo colégio, e um dia no intervalo entre uma aula e outra ele me vem com esta conversa:

- *Dei o maior cano na professora!! – Disse ele, todo sorridente, fazendo trejeitos e esfregando as mãos uma na outra, naquele gesto típico de quem esta contando uma grande vantagem. Eu pensei comigo: Ele deve ter*

roubado uma copia da prova da semana que vem ou algo parecido.

- Que cano você deu! – Perguntei.

- Quando ela fez a chamada, eu fiquei caladinho no meu canto e ele pensou que eu não estava lá, e eu estava, dei o maior cano nela!!

2. Outro dia íamos para uma chácara a pé por uma estrada de terra e ele precisou fazer o número 2. Escolheu um descampado e detrás de um pequeno arbusto começou sua tarefa. Lá ao longe vinha uma pessoa em uma bicicleta. Essa pessoa ao passar de bicicleta, o enxergou fazendo o numero 2 e gritou:

- Ó seu cagão!!

Eu já fiquei esperando ele gritar de lá um palavrão mandando aquele cicleteiro para aquele lugar. Porém, ele gritou de lá:

- O seu cicleteiro!! (...)

Saudades amigo Denyde!!

Voltemos ao Caminho. Esta é a minha última noite em um albergue. Amanhã Santiago me espera... Deixemos para amanhã!!

É chegado o dia!

29ª etapa
Padron / Santiago
Terça, 3 de Agosto de 2011
Distância a percorrer: 24,5 Km

E para diferenciar este dia, de todos os outros, pois este dia é realmente diferente, o meu Amigo lá de cima fez um visual diferente de todos os outros dias! Não, não era um belo dia de céu azulado com nuvens de algodão desenhando carneirinhos no céu.

Era um dia de cor cinza, com muita nevoa e uma leve neblina. Porém, pela primeira vez, eu sentia a

possibilidade de **um banho de chuva no caminho**. Como eu não acredito em coincidências, tenho certeza que neste episódio tem o dedo de Thiaguim e Fatinha. Eu sempre digo que tenho três paixões: Bolo de padaria, banho de chuva e cheiro de livro, necessariamente nesta ordem. Destas três paixões, a mais difícil de realizar foi sempre o banho de chuva.

A uns 3 km de Padron, a leve neblina ainda salpicava a minha face, formando gotículas que escorriam levemente até serem evaporadas por uma suave brisa, dando lugar a outra gotícula que mais uma vez evapora-se pela ação da leve brisa, e deste modo, como se fossem movimentos combinados e sincronizados, neblina e brisa, bailavam em minha face.

Estava tão concentrado e extasiado nesta sensação de bem estar que nem percebi quando passei pela capela e pelo cemitério do minúsculo vilarejo de Iria Flávia, local onde vivia e foi enterrado o pastor que, segundo a história, descobriu o túmulo de Santiago.

Aproveito, para explicar, resumidamente, a história do Caminho de Santiago com este fragmento extraído do Livro os Donos do Céu, pag. 12 e 13:

(...) Mas o que é o Caminho de Santiago?

É uma rota de peregrinação que existe a mais de mil anos cruzando toda a Espanha, no sentido do leste para o oeste. A sua historia faz parte da formação do continente Europeu, especialmente da França, Portugal e Espanha(...)

(...) Reza a tradição que logo depois de Cristo ter sido crucificado em Jerusalém, os seus apóstolos fugiram para várias regiões e continuaram, de forma clandestina, a pregar a sua palavra. Segundo indicam alguns registros históricos, Thiago foi pregar na Galícia,⁴ na época uma província do Império Romano. Pregou por sete anos, mas não conseguiu muitos adeptos e resolveu voltar a Jerusalém. Foi preso e decapitado no ano de 42, sendo os seus restos mortais jogados para fora da muralha da cidade. Rezava a tradição na época que os restos mortais de um pregador deveriam ser enterrados na localidade onde havia pregado. Dois dos seus seguidores recolheram o seu corpo e durante sete dias navegaram pelo mar até alcançar a Espanha, onde enterraram seus restos mortais em um bosque na região da Galícia.

*Muitos séculos se passaram, e, por volta do ano 813, um pastor diz ter visto, várias vezes, uma chuva de estrelas apontar para um bosque na Galícia e, um dia, ao seguir essa **chuva de estrelas, descobre um túmulo de mármore. A notícia se espalhou e chegou aos ouvidos de um bispo e, em seguida, aos ouvidos de um rei. O bispo diz que recebeu a revelação divina de que aquele túmulo pertencia ao apóstolo São Thiago. Nascia ali o mito. O rei manda edificar sobre aquele túmulo uma catedral.***

Nascia ali a cidade de Santiago de Compostela e o início da peregrinação. Portanto, há mais de mil anos, milhares de pés caminham por aquelas trilhas. O que buscam? Dezenas, centenas, talvez milhares de livros já tenham sido escritos tentando explicar esse fenômeno (...)

Voltemos ao Caminho. Continuando minha caminhada, a neblina e a brisa, pareciam duas crianças a brincar de “pique esconde”, fazendo do meu caminhar o ponto de contagem. Às vezes a neblina ia embora e a brisa ficava, para logo depois a brisa ir e a neblina ficar. E neste ambiente lúdico e infantil, eu ia fazendo a minha parte, uma hora cronometrando no relógio quanto tempo demorava para a neblina voltar, outra hora cronometrando quanto tempo restava para a brisa aparecer. Dores, bolhas, unhas deserdando... Não existiam!!

Coisas do Caminho!

Os meus amigos da família Pintassilgo, António, Carlos e Nélia, iam ficar em Téo, metade do caminho, para no dia seguinte chegarem mais descansados a Santiago e o amigo Aloizio, com o filho, também só devem chegar em Santiago Amanhã, deste modo, devo chegar sozinho a Santiago.

Sozinho, é força de expressão, pois na realidade aproveito para agradecer as pessoas que

acessaram a página do meu Blog mais de 5.000 vezes neste período, o que dá uma média de quase 200 pessoas por dia, portanto, **tenho uma procissão caminhando ao meu lado e que muito me ajudaram principalmente nos 450 km de Lisboa a Porto, onde não encontrei nenhum peregrino em momento algum. Obrigado a todos!**

Estes acessos ao Blog foram feitos por pessoas de múltiplas nacionalidades, principalmente do Brasil, Estados Unidos, Portugal, Espanha e Alemanha, tudo isso muito me honrou e me deu “gás” para continuar postando, etapa a etapa, mesmo com os problemas que tive com meu diário (Ipad) que literalmente trancou todas as minhas anotações e não me dava condições de postá-las. A tecnologia tem os seus bugs mas por outro lado te dá ferramentas incríveis, como por exemplo, esse mapeamento do blog com detalhes minuciosos sobre todos os acessos.

Por outro lado, postar um diário, é uma tarefa bastante árdua porque você não tem tempo para efetuar correções e muitas vezes o seu raciocínio pode sair um pouco “torto”, sem falar na gramática que às vezes se perde no linguajar falado, se bem que agora, nesta nova era “Lula”, isso não é “probrema, nos ajeita tudo”.

Voltemos ao Caminho!

A sensação de Caminhar a última etapa, depois de

29 dias e 670 km, é diferente! O cansaço não tem mais o mesmo efeito sobre o seu corpo, ele existe, é lógico, mas o seu estado de espírito é maior do que ele. É nestes momentos que você sente o quão forte é lado espiritual, ou psicológico, como queira, do ser humano, pena que ele, ser humano não acredite neste teu lado. **A magia não está no Caminho de Santiago, a magia está na cabeça do peregrino que consiga dimensionar um sonho realizado.**

No meu caso, quando fiz o Caminho, pela primeira, vez em 2006, e depois de absorver toda aquela experiência, decidi que voltaria ao Caminho em 2008, porém não foi possível, e ano a ano, o sonho foi sendo postergado. Portanto, foram quase 5 anos, entre o desejo inicial e o sonho realizado.

Volto a dizer, não existe nada de fenomenal no Caminho de Santiago e muito menos algo fenomenal em caminhar 700 ou 800 km, o que existe de fenomenal, não somente neste sonho, mas em qualquer sonho, é você sonhar e realizar, isto sim, é fenomenal e deve ser comemorado. **E qual o segredo para realizar qualquer sonho? Muito simples: Basta ser sincero e desejar profundo!**

Como estamos falando em sonhos aproveito para registrar aqui, alias comemorar, uma grande vitória da nossa ONG AVB – Agentes Voluntários do Brasil,

(www.avbbrasil.org.br) que depois de uma luta de mais de dois anos na Justiça, conseguiu o seu registro. **Mas, a vitória maior foi conseguirmos ver nossa sugestão aprovada e transformada em artigo de Lei no Novo Código de Processo Civil, já aprovado pelo Senado e agora na Câmara. A nossa sugestão acolhida, foi que todos os processos, depois de conclusos, sejam julgados em ordem cronológica. Isso, no nosso entendimento, dá mais transparência, evita corrupção e atende os princípios constitucionais de que todos são iguais perante a lei e da duração razoável do processo.**

Isso significa dizer, que o “lobby” dos endinheirados para que seus processos passem na frente dos processos dos outros e/ou que seus processos sejam engavetados, não mais poderá ser feito. Porém, há ainda um longo caminho, pois como o projeto está na Câmara, os lobistas poderão atuar por lá e extirpar este artigo. A Luta continua!

Voltemos ao Caminho. Aproveito para falar sobre um assunto que ficou em aberto desde minha primeira postagem, que é a grande preocupação que eu tinha com meu joelho direito que não sei se foram os efeitos do remédio que tomei por 5 dias, mais a fisioterapia no caminho ou se foi Meu Amigo lá de cima, o fato é que o mesmo comportou-se muito bem e não tive nenhum problema.

Como forma de dar uma idéia, bem resumida desta caminhada, destaco abaixo, 10 pontos do caminho:

1. Melhor Albergue : Casa da Recoleta – Tamel (Portugal)
2. Pior Albergue: Ponte de Lima – Motivo: abre somente as 17:00h (Portugal)
3. Melhor Trilha: Tui a Redondela (Espanha)
4. Pior Trilha: Ponte de Lima a Rubiães – Motivo: Serra da Labruja. (Portugal)
5. Melhor Cidade: Oliveira de Azeméis (Portugal)
6. Pior Cidade: Vala do Carregado (Portugal)
7. Pior momento : Etapa 4:
8. Melhor momento: Chegada a Santiago.
9. Melhor lembrança: Família Pintassilgo
10. Pior lembrança: Etapa 5:
11. As Perdas do caminho:
 - 5 Kg de peso,
 - 5 unhas desertoras,
 - Uns 10 cm² de pele do Pé,
 - 1 Pen drive,
 - 1 Camisa,
 - 2 meias,
 - 1 cueca,
 - 1 maquina/filmadora,
12. As doações do Caminho:
 - 1 par de botas,
 - 1 muleta,

- 1 par chinela crocs
- Material de primeiros socorros ao albergue de Tamel

Visando agradecer a todos que caminharam comigo durante estes mais de 30 dias, creio ser minha obrigação, tentar mostrar, não somente por meio do texto, mas também através de fotos um pouco do Caminho de Santiago. Para tanto dividi o Caminho em 12 álbuns e dois vídeos, cada álbum com cerca de dez fotos. Segue abaixo os links para cada acesso:

<http://libertadordebonsai.blogspot.com/>

Visando ainda, facilitar aqueles que queiram acessar alguma etapa de uma maneira mais simples e fácil, coloco abaixo o link de cada uma das etapas, basta clicar e ir direto para a etapa desejada:

<http://libertadordebonsai.blogspot.com/>

Voltemos ao Caminho. Por volta das 15:00h adentrei nas primeiras ruas da periferia de Santiago de Compostela e como que para testar a resistência do Peregrino pela última vez, ou para, quem sabe, molhar o solo desta cidade com o suor do teu rosto, você tem pela frente uma íngreme subida de 1.100 metros. Depois de escalá-la, você desponta na cabeceira da avenida Calle de Santa Marta de Arriba. **A impressão que você tem, é que você errou de cidade.** Pois esta é a parte nova da cidade e não parece nada com a Santiago velha que eu conhecia.

- Caracas! Será que errei de cidade? – Era minha emoção questionando minha razão.

- Não, claro que não, imagina – Respondeu minha razão.

- Será que eu estava tão inebriado pela brincadeira de pique esconde entre a neblina e a brisa que me acompanhou deste Padron, que nem vi as setas me enviando para outro rumo?! – indagava a emoção.

- Ora bolas, veja o mapa! – Disse a razão.

Era obvio, o mapa era limpo e claro: Não existe nenhuma cidade grande entre Padron e Santiago.

Depois de 20 minutos percorrendo a longa Calle de Santa Marta, finalmente, avistei a torre da Catedral de Santiago de Compostela, ela é inconfundível! Mais alguns passos, uma rua à esquerda, e minha visão já abarca todo o Largo do Pátio da Catedral de Santiago. E é para lá que meus pés, mesmo depois de sofridas invasões de bolhas e rebeliões de unhas, me leva! **É para lá que caminhamos: A leve brisa, a neblina e eu.**

Chegamos! Subo alguns degraus, e o primeiro sentimento é de solidão. Não há ninguém para dar um abraço e extravasar aquela emoção! A primeira lembrança que vem a mente é de 2006, quando ali chegamos, éramos oito amigos: Beto, Galdino, Pedro, Saulo, Federica, Priscila, Amanda e eu e foi pura festa!!

Sento, respiro fundo, lembro dos duzentos seguidores, de cinco países diferentes, que estão comigo e agradeço Meu Amigo lá de Cima, agradeço Thiaguim, agradeço Fatinha e arremato, mais uma vez, dizendo:
- Eu te devo mais essa Cara!!

Fim / Inicio.

Valdir Leite Queiroz é natural de Jussara/GO, filho de retirantes das secas do nordeste.

Publicou o seu primeiro livro solo, *Libertar Passarinhos*, um livro de poesias, em 1.999 através da premiação em um concurso.

Em 2.007 publicou o seu segundo livro, *Os Donos do Céu*, um livro de memórias fruto das andanças de 800 quilômetros a pé pelos Caminhos de Santiago de Compostela na Espanha.

Em 2.002 foi apresentado ao Direito através da leitura de um livro de Ihering e em 2.007 tornou-se Advogado. Durante esse período de Faculdade fundou a ONG, *Agentes Voluntários do Brasil*, (www.acvbbrasil.org.br) que tem por objetivo combater a corrupção e questionar juridicamente a enorme parte podre da estrutura do Estado Brasileiro.

Dedico este livro ao meu neto Théo, alias, este livro pertence a ele, pois antes dele anunciar que estava a caminho, eu não pretendia reunir as narrativas desta Caminhada em um livro, mesmo porque como diz o Poeta e escritor argentino, Alejandro G. Roemmers, as pessoas não se interessam mais por histórias e sim por fotos, e devido a isso, em forma de protesto, há anos, ele descartou sua máquina fotográfica. Deste modo ele tinha a oportunidade de narrar suas histórias.

Concordo com ele, a boa prosa anda cada vez mais escassa e está sendo substituída por monólogos monossilábicos nas redes sociais.

Portanto querido neto Théo, quando no Caminho, recebi a notícia do seu nascimento - sim, nascimento! Pois as pessoas não nascem no momento do parto e sim no momento em que passam a existir no nosso coração - Eu senti a obrigação de narrar os momentos desta Caminhada, pois o que poderia lhe dizer algumas fotos, daqui dez, quinze anos? Nada. Porém a leitura poderá lhe conduzir por caminhos imaginários que servirá para alimentar seus sonhos, estes sim, imprescindíveis à vida.

(...)



CLUBE DE
AUTORES



ISBN 978-85-907094-1-1



9 788590 709411